

# Dante Cultural



Ano VIII - Número 21 - Julho de 2012

ISSN 1980-637X

## As origens das fábulas

Histórias que ouvimos na infância, recontadas há gerações, como O Gato de Botas, Pinóquio e A Bela Adormecida, têm em suas raízes o talento dos narradores italianos



### Entrevista:

Bruno Prada – o velejador que representará o Brasil na Olimpíada de Londres em 2012, ao lado de Robert Scheidt – é nosso ex-aluno

### Perfil:

Lan, o cartunista das mulatas, do samba e do futebol, é um italiano que chegou ao Brasil ainda criança, vindo de um povoado próximo a Florença, e se apaixonou pelo Rio de Janeiro

### Campânia:

Sabores e atrações turísticas para todos os gostos na região que abriga Nápoles, a terceira maior cidade italiana



# Colégio Dante Alighieri:

há mais de **100 anos** construindo o futuro.



GRAPPA

Qualidade no ensino, tradição e pioneirismo.

**INOVAÇÃO:**  
Projeto High Tech Dante, Laboratórios de Projetos Tecnológicos e lousas digitais em todas as salas.



HORTA



TURMA DO HIGH SCHOOL



MUSEU

Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, opção de High School a partir do 9º ano e atividades extracurriculares.

2012: Primeiro ano do 2º Centenário



# Mensagem do Presidente



## DANTE E AEDA, UM SÓ CORAÇÃO!

(AEDA: fiel guardiã das tradições do Dante)

A Associação dos Ex-Alunos do Colégio Dante Alighieri (AEDA) – fundada no dia 6 de agosto de 1930 por um grupo de guerreiros, cujo intento era manter os laços de amizade

criados nas diversas épocas em que haviam estudado e brincado em suas dependências – completa, neste ano de 2012, oitenta e dois anos de existência.

Seu Presidente, Dr. Paolo Fabbriziani, nascido na Cidade Eterna, Roma, ainda adolescente chegou a São Paulo e foi matriculado, por seu pai, juntamente com seu irmão Fabrizio, no Colégio Dante Alighieri, onde concluiu o Curso Secundário. Na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais e, logo após, inscreveu-se na Ordem dos Advogados de São Paulo, dando início assim à sua carreira profissional.

Como sucede com os ex-alunos que não esquecem o seu ninho escolar, por ele sempre devotando eterno reconhecimento, Dr. Paolo foi inicialmente indicado para integrar a Sociedade Civil mantenedora do Colégio. Posteriormente, foi eleito para o Conselho Administrativo da entidade, e, no ano de 2003, foi conduzido à presidência da AEDA, com reeleição para os mandatos de 2005 a 2014.

No dia 27 de março deste ano, às 19h00, após a posse dos seis novos componentes do Colégio Tutelar da mesma entidade, conduziu a cerimônia de inauguração da Galeria dos Presidentes da AEDA, a saber: João Manzoli (seu fundador), Adriano Crespi, Américo Fontana, José de Oliveira Messina (atual Presidente do Colégio Dante Alighieri), Marco Formicola (Ex-Presidente do Colégio) e Paolo Fabbriziani (atual Presidente da Associação de Ex-Alunos). Em seu emocionante discurso, foram registrados fatos históricos que, constituindo autênticos testemunhos de humanismo, revelam a força indestrutível dos elos que unem indissolavelmente a família dantiana à aedana.

Dentro desse clima de comunhão afetiva, surgiram as figuras de nossos inolvidáveis mestres, todos com particularidades lembradas e cantadas – evocação na esteira da qual a memória coletiva resgatou também episódios de nossas vidas nas salas de aula, de música e de ginástica, bem como lembranças de representações teatrais e musicais e, notadamente, cenas ocorridas no encantado pátio, onde hoje divisamos sombras vivas do passado que não passará.

Com o elevado propósito de homenagear

nossos eternos mestres, o Colégio Dante Alighieri doou, em réplica original de bronze, à Associação dos Ex-alunos do Colégio Dante Alighieri o busto do maestro Salvador Callia, que encantou dezenas de gerações com seu talento e com o inesquecível grito de guerra “*annamu a cantá*”.

A solenidade realizou-se no dia 19 de março deste ano, na sala de música onde impera o piano Astor de origem belga e cujas enobrecidas paredes exibem as reproduções iconográficas de Carlos Gomes e Frédéric François Chopin. Conferindo atualidade ao ambiente, logo à sua entrada se distingue e sobressai o busto do maestro, que se sustenta em uma artística coluna de madeira, confeccionada por colaboradores marceneiros do Colégio.

Após o Presidente do Dante fazer uso da palavra, assistiu-se a um momento emocionante: a apresentação do bisneto do maestro, o maestrino Gianpaolo Callia, que – com seis anos de idade,



exibindo traje de gala com gravatinha borboleta, farto lenço branco (a emergir festivo do bolso adequado) e par de sapatinhos pretos a espelhar a seriedade do compromisso que assumia – executou uma composição de sua autoria denominada “Scherzo 1”.

Digno especialmente de nota era a prova que Gianpaolo dava de já transparecer a postura dos compositores de ponta, ao constatarem-se a graça e a leveza das mãos, que, harmonizadas com a firmeza dos dedinhos, emergiam da camisa cor de neve com abotoaduras de ouro (coleção do pai Claudio) e davam vida ao teclado, que, por sua vez, agradecia a doçura dos toques. Seu corte de cabelos fartos, apenas aparados, afeiçoados pelas hábeis mãos da mãe Sibebe, certamente colocaria lágrimas no amoroso olhar do bisavô.

Após os acordes finais, explodiu em palmas (não as palmadas dos pais) o seletor auditório. Ao sair, apressado, o festejado maestrino se esqueceu da reverência e, com a liberdade adquirida – apesar de, com insistência, ser chamado pelo exultante progenitor –, juntou-se ao irmão Claudio Ettore e à prima Rafaela (esta filha de Fábio), todos Callia, os quais haviam descerrado o tecido azul que cobria o busto do maestro. Reiniciava-se, assim, a correria pelos salões ornamentados de mesas e felizes convivas. Essa noite, inesquecível, selou a perpetuidade das gerações do Dante!

**por José de Oliveira Messina  
Presidente no Centenário do  
Colégio Dante Alighieri**



# Carta ao Leitor

Prezada Leitora, Caro Leitor:

Este número da DanteCultural traz algumas estórias e muitas histórias. As primeiras fazem parte da matéria de capa, de autoria da jornalista e mestre em Teoria Literária Luisa Destri. Ela nos conta a origem de diversas fábulas, algumas ainda no século XVI, como “O gato de botas”, “Cinderela” e “A Bela Adormecida”, todas com textos bem diferentes dos das versões que conhecemos atualmente.

Já as histórias estão espalhadas pela revista. Uma delas é a do Empório Michelangelo, tradicional loja de produtos artísticos de São Paulo, hoje sob o comando de Catharina Colasuonno, filha do fundador José, e por sua filha, Cláudia. Outra, é a do cantor e compositor italiano Lucio Dalla, falecido no início deste ano e autor de sucessos como Attenti al Lupo, Gesù Bambino e Caruso. Na seção Cinema, nos é narrada a trajetória do cinema mudo paulista, cujo nascimento sofreu forte influência de artistas oriundi. O cartunista italiano Lan é o protagonista da seção Perfil. Reconhecido pelos traços com que retrata a cidade do Rio de Janeiro, suas mulheres e o carnaval, lá ele nos revela qual foi a primeira mulata que o seduziu.

A Campânia, suas origens, seus monumentos e seu belo mar são o assunto da seção Turismo. Nela, percorremos Nápoles, visitamos as ruínas de Pompeia e Herculano, cidades destruídas por uma erupção do vulcão Vesúvio no século I, e locais como Capri e a Gruta Azul. A saborosa culinária da região também nos é apresentada, em Gastronomia, pela chef Silvia Percussi, que nos fornece, ainda, as receitas dos típicos Pizza al caprino, Insalata Caprese e Baba al rum.

O entrevistado deste número é o ex-aluno Bruno Prada. Velejador campeão, o atleta será um dos representantes brasileiros na Olimpíada de Londres, com grande chance de medalhas. Prada nos conta das influências do Dante – colégio fundado por seu tataravô, Conde Rodolfo Crespi – em sua vida, tanto na área esportiva, quanto em sua formação. Sua vida na vela também é narrada na entrevista.

Já o Papo Aberto da coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do Dante, Silvana Leporace, com a psicóloga e psicoterapeuta Celi Piernikarz, traz dicas e orientações para os jovens de como devem agir para se organizar.

Na seção Memória, mais história, desta vez por meio de imagens, que mostram jornais feitos por alunos nos anos 1960 e a equipe atual de alunos-jornalistas, participantes da oficina Dante em Foco de criação de conteúdos.

Boa leitura a todos,

**Fernando Homem de Montes**  
Publisher



A revista DanteCultural (ISSN 1980-637X)  
é uma publicação do Colégio Dante Alighieri

**José de Oliveira Messina**  
Presidente

**José Luiz Farina**  
Vice-presidente

**Salvador Pastore Neto**  
Diretor-Secretário

**Adriana Fontana**  
2ª Diretora-Secretária

**João Ranieri Neto**  
Diretor Financeiro

**Milena Montini**  
2ª Diretora Financeira

**José Piovacari**  
Diretor Adjunto

**Francisco Parente Júnior**  
Diretor Adjunto

**Sérgio Famá D'Antino**  
Diretor Adjunto

**José Perotti**  
Diretor Adjunto

**Lauro Spaggiari**  
Diretor Geral Pedagógico

Capa: Milton Costa /C1: Jackson Ribeiro da Silva /  
C2: divulgação Cosac Naify /  
C3: arquivo pessoal Catharina Colasuonno /  
C4: Iva Labussiere /C5: Tadeu Brunelli

# Índice

|                      |    |
|----------------------|----|
| Notas                | 6  |
| Entrevista           | 8  |
| Capa                 | 14 |
| Empório Michelangelo | 20 |
| Literatura           | 24 |
| Cinema               | 26 |
| Música               | 28 |
| Perfil               | 30 |
| Crônica              | 34 |
| Espaço aberto        | 38 |
| Ensaio fotográfico   | 40 |
| Gastronomia          | 46 |
| Jovem chef           | 49 |
| Turismo              | 50 |
| Papo aberto          | 56 |
| Memória              | 58 |



## Expediente

**Fernando Homem de Montes**/Publisher - **Marcella Chartier**/Editora (jornalista responsável - MTb: 50.858)

Revisão: Luiz Eduardo Vicentin/Projeto Gráfico: Nelson Doy Jr./Diagramação e arte: Simone Alves Machado

Ilustrações: Milton Costa e Salvador Messina/Comercial: Vinicius Hijano

**Colaboradores:** Barbara Ramazzini, Edoardo Coen, Felipe Guerra, Gustavo Antonio, Isabella

D'Ercole, Ivan Labussiere, José de Oliveira Messina, Laura Folgueira, Luisa Destri, Natalia

Horita, Nathalia Costa, Silvana Leporace, Sílvia Percussi e Tadeu Brunelli

Envie suas sugestões e críticas para [dantecultural@cda.colegiodante.com.br](mailto:dantecultural@cda.colegiodante.com.br)

Tiragem: 9.000 exemplares - Colégio Dante Alighieri - Alameda Jaú, 1061. São Paulo-SP - Fone: (11) 3179-4400

[www.colegiodante.com.br](http://www.colegiodante.com.br)



Por Felipe Guerra

## Lina Bo Bardi recebe homenagem em instituto

O Instituto Lina Bo e P. M. Bardi homenageará com uma mostra a arquiteta italiana Lina Bo Bardi, que nasceu em Roma em 1914 e passou grande parte da vida em São Paulo, até 1992, ano de sua morte. A modernista foi a responsável por diversas obras de destaque, entre as quais a sede do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), inaugurado em 1947, e o Sesc Pompeia, inaugurado em 1977. A mostra contará com obras de ao menos 15 artistas de várias partes do mundo, como o holandês Rem Koolhaas, o brasileiro Cildo Meireles, o argentino Adrian Villar Rojas, o

estadunidense Arto Lindsay, o francês Dominique Gonzalez-Foerster e o inglês Norman Foster. Lina Bo Bardi residiu na casa que hoje sedia o instituto, a chamada Casa de Vidro, com o marido, a quem Chateaubriand delegara a curadoria do Masp. Pietro foi curador do museu por 45 anos. O Instituto Bardi foi inaugurado em 1990, dois anos antes da morte de Lina. A mostra será realizada no segundo semestre de 2012. A Casa de Vidro fica na Rua General Almério Moura, 200, no Morumbi. O telefone do instituto é (11) 3743-3875.

## MuBE reúne artistas de vários países na II Bienal de Graffiti

O Museu Brasileiro da Escultura (MuBE) promoverá a II Bienal de Graffiti, que reunirá artistas nacionais e internacionais para expor e debater a história do grafite no Brasil e no mundo. Serão discutidas as influências de movimentos artísticos do século XX, as

tendências da arte urbana e sua relevância como manifestação cultural e artística. O evento será realizado entre os dias 4 e 28 de outubro de 2012. O MuBE fica na Avenida Europa, 218, no Jardim Europa. O telefone do museu é (11) 2594-2601.

## Exposição “Caravaggio e os Caravaggescos” no Masp

O Masp sediará uma exposição dedicada ao mestre do Barroco italiano, Michelangelo Merisi da Caravaggio, que viveu entre 1571 e 1610, e aos seus discípulos. O acervo contará com 24 obras, tornando-se a maior mostra já dedicada a Caravaggio na América Latina. Oito pinturas, entre as quais “Narciso”, “Medusa”, “San Giovanni Battista” e “San Francesco in Meditazione”, de autoria do mestre, estarão expostas. As demais peças foram produzidas por 12 aprendizes de Caravaggio, os denominados “caravaggescos”, inspirados em elementos marcantes da pintura do artista, como o contraste e o realismo. A exposição, que ficará no museu de julho a setembro, faz parte da programação do Momento Itália-Brasil. O Masp fica na



Divulgação

Avenida Paulista, 1578, no bairro Bela Vista. O telefone para contato é (11) 3251-5644.

## Mostra ressalta relação entre homem e meio ambiente

**T**ambém integrando o Momento Itália-Brasil, o Parque Estadual Alberto Löefgren está realizando duas exposições envolvendo produções de artistas plásticos do Brasil e da Itália. A mostra, denominada “Arte e Meio Ambiente: Rompendo Fronteiras”, ressalta a importância de preservar o meio ambiente. As exposições estão situadas no Palácio do Horto e nos jardins do parque. A mostra percorrerá diversos parques do Estado de São Paulo durante quatro anos. As obras no Palácio do Horto são de artistas brasileiros e italianos, do acervo do próprio Palácio e do Museu Florestal Octavio Vecchi. O Istituto Italiano di Cultura de São Paulo destaca as manifestações de dois artistas: Margherita Leoni, italiana que reside no Brasil desde 2000, e cuja arte aborda a relação do homem com a natureza, e Mello Witkowski Pinto, brasileiro que estudou na Accademia di Belle Arti di Brera de Milão, na Itália, e que reproduz em suas esculturas a relação de equilíbrio entre os índios, os animais e o meio ambiente. A exposição acontece até o dia 10 de agosto. O parque fica na Rua do Horto, 931, no Mandaqui. O telefone é (11) 2232-3117.



Mello Witkowski Pinto



Mello Witkowski Pinto



Mello Witkowski Pinto

**Errata** DanteCultural 20: Na legenda da foto da página 31, há uma informação incorreta: o Sepulcro de Júlio não fica na Basílica de São Pedro (Vaticano), mas na Igreja de São Pedro em Vincoli (Roma).





Jackson Ribeiro da Silva



# Um dantiano olímpico

*Tataraneto do conde Crespi e ex-aluno, o velejador Bruno Prada representa, em parceria com Robert Scheidt, uma das grandes esperanças de ouro para o Brasil nos Jogos de Londres*

Por Gustavo Antonio

**O** velejador Bruno Prada entra na sala de reuniões do Colégio Dante Alighieri e começa a apontar para os quadros com imagens dos homens que foram presidentes da entidade ao longo dos seus 101 anos de existência. “Esse era meu parente, esse também era meu parente. Esse outro não era meu parente, mas foi muito amigo da minha família.” Tamanha proximidade com os que comandaram a centenária Escola explica-se: Bruno é tataraneto do conde Rodolfo Crespi, responsável pelos planos e pelo maior donativo para a construção do Colégio. “Meus filhos e meu sobrinho estudam aqui e representam a quinta geração da minha família no Dante”, afirma o tricampeão mundial da classe Star da vela, em que compete juntamente com Robert Scheidt.

A dupla formada por Bruno e Scheidt é, por sinal, uma das principais esperanças de medalha de ouro para o Brasil na Olimpíada de Londres, que será realizada entre 27 de julho e 12 de agosto de 2012. Esse favoritismo se baseia em fatos concretos: em maio, os brasileiros conquistaram o tricampeonato mundial da classe Star, em Hyères, na França (também haviam triunfado na competição em 2007 e 2011). Além disso, venceram quase todos os campeonatos que disputaram desde maio de 2011 e lideraram o ranking da categoria de janeiro até abril de 2012.

Nesta entrevista à DanteCultural, Bruno, que, além de atleta, também é formado em administração de empresas, relembrou os tempos em que estudou no Colégio – de 1976 a 1989 –, época em que já tinha apreço por inglês, geografia, matemática (conhecimentos que usa até hoje para velejar) e, principalmente, pela educação física. O atleta afirmou que o esporte é quase um vício, e pediu que a área receba mais atenção das autoridades brasileiras.

Bruno, nascido em 31 de julho de 1971, também falou sobre sua convivência com Robert Scheidt, lenda viva do esporte brasileiro, e sobre fatos marcantes de sua carreira na vela – como a conquista da medalha de prata na Olimpíada de 2008, em Pequim. Detalhou a preparação da dupla para os Jogos de 2012, pediu cautela quanto ao favoritismo que lhe atribuem, mas deixou uma mensagem de otimismo. “O que dá para dizer é que estamos chegando muito mais preparados para essa Olimpíada do que chegamos para a última. E isso nos dá muita motivação e alegria”, afirmou o tataraneto do conde Crespi, que levará, novamente, o nome do Brasil e, de alguma forma, o do Colégio Dante Alighieri, à maior competição esportiva do planeta.

**Você é tataraneto do conde Crespi, um dos responsáveis pela fundação do Colégio Dante Alighieri. A ligação com o Dante Alighieri ainda é muito forte na sua família?**

Os meus filhos representam a quinta geração da minha família a estudar no Dante. É uma ligação muito forte: quando eles nasceram, eu já os inscrevi no Dante. Eles adoram a escola. Eu acho que a tradição do Colégio é muito importante, tenho um carinho muito grande por ele. Quando entro aqui, me lembro da minha época.

**Quais suas principais lembranças da época de Dante Alighieri? Quais suas matérias preferidas?**

Eu sempre fui muito esportista. Eu gostava muito

das aulas de Educação Física, da Olimpíada do Dante, dos campeonatos internos. Entre as matérias, também gostava de matemática, geografia e inglês, que são conhecimentos que uso até hoje para velejar. Além disso, fiz muitos amigos no Colégio.

**O Colégio teve alguma influência na escolha de sua profissão?**

Sim, nesse sentido da Olimpíada do Dante, do estímulo ao esporte na época. Eu adorava participar dos campeonatos internos, da Olimpíada, sempre fui muito competitivo. Quando pequeno, eu tinha problemas respiratórios, então meus pais me colocaram para praticar esporte para ver se eu melhorava. Hoje, se eu passar um dia





desafios. Velejador tem muito isso de novos desafios. E começamos, a partir de 2005, a campanha do ciclo olímpico na Star para a Olimpíada de 2008.

**Você e Scheidt se conhecem desde crianças. Ele é uma lenda viva do esporte olímpico brasileiro. Como é trabalhar com ele?**

Nós começamos a velejar juntos bem novinhos. O Scheidt é pouco mais de um ano mais novo que eu. Eu comeci a velejar em 1980, ele em 82. Mas, já em 85, fomos para o Chile disputar o Campeonato Sul-Americano, que tinha a parte individual e por equipes, e nós ganhamos a parte por equipes. A partir daí, ficamos superamigos, sempre velejamos juntos, sempre trocamos muitas experiências. Acho que já termos uma convivência de longo prazo ajudou muito na parceria de hoje. O Robert é um cara muito duro. Ele sempre dá o máximo e exige o máximo de quem está com ele. Então, acho difícil, hoje, o Robert ter outro parceiro com a capacidade de aguentar meses e meses de treino. Porque são duas coisas: a capacidade física e capacidade mental de aguentar esse rolo compressor de trabalhar 10, 12 horas por dia. E eu acho que é por isso que ele tem esse respeito por mim.

**Como vocês lidam com o fato de serem considerados a melhor a dupla do mundo da classe Star na atualidade?**

Como ganhamos tudo no ano passado (o Mundial da Austrália e a Copa do Mundo, o que nos levou à liderança do ranking mundial), as pessoas realmente nos alçam ao posto de melhores do mundo. Mas uma coisa muito legal que ouvi do [nadador e campeão olímpico] Cesar Cielo é que ele costuma “menosprezar”, no sentido figurado, os títulos que consegue. Mas isso no sentido de que ele não se envaidece, porque a vaidade estraga a pessoa. Muitas vezes, o atleta acha que chegou ao topo e que não precisa provar mais nada. Mas eu acho que todo dia você precisa provar para você mesmo do que é capaz. Então, o que fazemos é sempre procurar melhorar.

**Você já deu declarações de que a dupla não estava tão pronta na Olimpíada de 2008. A medalha de prata acabou sendo uma surpresa?**

Nós fomos para aquela Olimpíada entre os favoritos, mas, na ocasião, não éramos velejadores da classe Star. Existia ali um *laserista* e um *finnista* juntos, tentando velejar de Star. Foi muito mais na raça, na força, no volume de treinos, pois a gente desconhecia o barco de Star, que é muito complicado de se velejar. Quando acabaram os Jogos de 2008, pensamos: precisamos virar

Arquivo pessoal Bruno Prada



**O esporte sempre foi sua paixão, desde os tempos em que era aluno do Dante. Nas fotos, Prada em aulas de Educação Física no Colégio**

velejadores da classe Star. Éramos campeões mundiais e medalha de prata na Olimpíada, mas tivemos a humildade de admitir que não entendíamos nada daquele barco. E isso foi muito importante, porque passamos por um laboratório, velejamos com todos os tipos de barcos, com todas as velas.

**Qual é a sensação de conquistar uma medalha olímpica?**

Realmente é uma coisa fora de série. Tem campeonatos até mais difíceis que a Olimpíada, o Mundial mesmo é mais difícil. Isso porque na Olimpíada são apenas 16 atletas, mas não são os melhores 16 atletas do mundo, e sim os 16 melhores países [em cada categoria da vela olímpica, cada país só tem um representante]. Já no Mundial que ganhamos na Austrália, em 2011, havia três



**Scheidt e Prada vibram após a conquista da medalha de prata nos Jogos de Pequim de 2008**

americanos bons, três alemães bons, australianos bons. Então é um campeonato muito mais duro, mais difícil. Mas a Olimpíada, pelo fato de ser realizada de 4 em 4 anos, tem esse lado psicológico, a pressão é muito forte. A Olimpíada tem uma magia muito grande, tem muita exposição na mídia, é a hora que o atleta realmente é conhecido. Conseguir uma medalha olímpica é o sonho de todo atleta, é um momento mágico, em que você se realiza – tudo aquilo que você planejou na sua vida inteira, todo tempo de treinamento está pago ali. Ganhar a medalha é marcante, compararia com o título mundial.

**Você diria que a principal qualidade da dupla de vocês é a regularidade?**

A vela é um esporte de regularidade. São cinco dias de competição, mais um dia extra, que é a *Medal Race* (regata da medalha). Então, são cinco dias com duas regatas, depois ainda tem a 11ª prova. Dessas dez primeiras provas, você pode descartar um resultado. Você tem o direito de errar uma vez nas dez provas. Assim, a regularidade é muito importante. A fórmula do sucesso é a regularidade, não adianta ganhar cinco provas e ficar em último nas outras cinco, pois no final das contas o cara que foi segundo, terceiro colocado em todos os dias, vai acabar vencendo.

**Vocês conseguiram uma sequência impressionante de vitórias recentemente. O que pode tirar o ouro olímpico de vocês?**

A vela não é como uma corrida de 100 m que se

resolve em um dia só. Estamos fazendo um trabalho muito forte para não ter lesões – é uma fisioterapia preventiva. Não só em termos musculares, mas também acerto de postura. Outro ponto são as quebras do barco: como são seis dias de regata, você pode ter alguma quebra, o que prejudica muito. Lógico que se faz um trabalho em cima disso; no bote em que vai o técnico, há todas as peças à disposição. Você pode perder aquela prova, e é justamente

por isso que há o descarte. Trabalhamos muito na manutenção do barco e nessas peças de reposição. Mas o esporte tem coisas incríveis. Então você nunca pode contar com uma vitória até cruzar a linha de chegada em primeiro. O que dá para dizer é que estamos chegando muito mais preparados para essa Olimpíada do que chegamos para a última. E isso nos dá muita motivação e alegria. Na última Olimpíada, ainda estávamos em uma fase de aprendizado; agora temos uma noção muito maior, a Star já está na veia e já estamos integrados ao barco.

**Os ingleses Iain Percy e Andrew Simpson [atuais campeões olímpicos] serão seus principais adversários em Londres?**

Sim. Eles estão correndo em casa, são os atuais campeões olímpicos e ganharam o Mundial de 2010 no Rio de Janeiro. Eles têm a vantagem de correr em casa: conhecem bem o lugar das provas, pois o centro de treinamento deles é em Weymouth [local das provas olímpicas]. Mas eles também têm desvantagens de correr em casa: primeiro, a pressão, e, segundo, o excesso de confiança, que muitas vezes te derruba – você monta uma estratégia de um jeito e, se não der certo no primeiro dia, perde a confiança. Então, se eles começarem muito bem, vai ser difícil segurá-los. No ano passado, tivemos o evento-teste em Weymouth, que foi exatamente igual à prova da Olimpíada, e eles começaram mal e não conseguiram reagir tão bem. Ganhamos o



campeonato e eles ainda terminaram na segunda posição. Mas nós chegamos à *Medal Race* muito à frente. Então, vai depender muito do dia, de como eles vão começar. Acho que eles vão ser os grandes rivais, junto com os poloneses Mateusz Kusznierewicz e Dominik Zycki e os suecos Frederick Loof e Max Salminen.

**A classe Star foi excluída dos Jogos de 2016, no Rio de Janeiro. É uma grande decepção para os brasileiros, que tiveram várias conquistas nessa categoria?**

A exclusão da classe Star é puramente política, não está relacionada com a evolução técnica, tendências. A classe Star está fazendo 101 anos de existência, tem uma força muito grande e bate de frente com a Federação Internacional de Vela, que manda nos Jogos Olímpicos e na vela como um todo. A Federação meio que quer mais influência, domínio sobre a classe Star, que se nega a aceitar isso. Daí surge uma briga grande. Acredito que a presença da Star na Olimpíada de 2016 vai depender muito do nosso resultado. É mais uma responsabilidade, mais uma pressão, porque acho que, se a gente conseguir um bom resultado, o Brasil vai fazer um esforço muito grande para tentar colocar a categoria como convidada. No final do ano, sempre há uma reunião em que é discutida uma série de coisas da Federação Internacional, daí a gente vai tentar falar sobre a volta da Star. Seria muito importante a Star voltar logo ao programa olímpico, porque, quanto mais tempo demora para isso ocorrer, menor fica sendo o ciclo olímpico, a preparação, além de os patrocinadores também quererem saber o que você vai fazer.

**Quais os planos para o futuro? Pretende velejar por mais quanto tempo ainda?**

Sou muito metódico e gosto de saber o que estarei fazendo daqui a cinco anos. Hoje, como a Star está excluída, eu vou fazer a campanha de Finn para 2016. Quando acabar a Olimpíada de Londres, vou pegar um atleta que ficou entre os cinco primeiros da classe Finn nos Jogos de 2012, vou trazer para o Brasil para fazer clínica, pegar a evolução.

Então, se me classificar, 2016 será a minha última Olimpíada. Depois vale mais disputar classes amadoras aqui no Brasil. Eu vou velejar enquanto tiver prazer nisso. As conquistas e vitórias têm muito a ver com esse prazer olímpico. Eu não estaria fazendo a campanha se não tivesse a chance de ganhar uma medalha. Estaria com a minha família, que sofre muito com minha ausência. Geralmente passo de quatro a cinco meses, ou seja, de 120 a 150 dias fora de casa por ano, é muito duro para eles.

**Seus filhos [Giovana, de 10 anos, e Ricardo, de 8 anos] velejam?**

Eles começaram a velejar há uns seis, oito meses. Nunca os forcei a velejar, mas eles têm a obrigação de praticar um esporte, isso é obrigação, do mesmo jeito que é estudar, fazer lição. Eles podem escolher a modalidade. E então eles pediram para velejar, fizeram cursinho, mas ainda não estão competindo. Não coloco pressão, é bom eles velejarem para aprender, para entender o barco, para estar em contato com a natureza. Não sei se eles se tornarão velejadores. Mas eu não abro mão do esporte, porque acho que isso faz parte da pessoa, para melhorar saúde, para aprender a ganhar e perder.

On edition



**Pela classe Finn, Bruno Prada ostenta no currículo um bronze dos Jogos Pan-Americanos de 1999**

# A fantástica história das histórias maravilhosas

*Cinderela, Bela Adormecida e Gato de Botas talvez tenham nascido na Itália – ou pelo menos foi lá que começaram a se tornar o que são hoje. Descubra por onde passaram as personagens que desde o Renascimento povoam nosso imaginário*

Por Luisa Destri\*

**M**esmo desfalecida por causa de uma farpa de linho cravada sob sua unha, Tália, a amante do rei, dá à luz um casal de gêmeos, Sol e Lua. Um deles engana-se ao mamar: suga o dedo da mãe, arrancando a farpa de linho e assim acabando por fazer Tália acordar. A alegria do pai das crianças, o rei, diante do despertar da amante, é imensa. Mas a rainha, ao conhecer a traição e a vida dupla do marido, decide se vingar: pede ao cozinheiro que sirva os pequenos numa refeição ao rei – o que, felizmente, não acontece – e tenta atirar Tália ao fogo, a fim de matá-la. Surpreendida pelo marido, a rainha tem seus objetivos frustrados e é ainda punida. O rei manda matá-la, passando a viver em companhia de Tália e dos filhos.

Se você tem em mente a história de uma Bela Adormecida que termina quando a princesa



desacordada ganha um beijo do príncipe encantado, mal poderá crer que foi dessa fábula (que nos serviu de prólogo) que nasceu o famoso conto de Disney. Mas acredite: “O Sol, a Lua e Tália”, narrada por Giambattista Basile no *Pentameron* (1634-1636), é uma das primeiras versões do clássico conto de fadas. Até se transformam no que conhecemos hoje, a

narrativa passou por uma longa história, da qual o Renascimento italiano e o francês Charles Perrault são alguns dos protagonistas.

No primeiro capítulo dessa história das narrativas fantásticas, figura Giovan Francesco Straparola, nascido no fim do século XV em Caravaggio, na região da Lombardia, e de quem não há muitos dados biográficos. Em 1550, ele publicou, em Veneza, o volume *Piacevoli Notti*: as “noites agradáveis” do título são doze – em cada uma



delas, personagens se reúnem e narram histórias, totalizando 68 contos. A novidade do livro é a presença da tradição oral. Em meio a textos literários, de autoria do próprio Straparola, há lendas colhidas do repertório campesino – e nisso o autor foi pioneiro, tendo inclusive oferecido o que parece ser a origem de “O gato de botas” (*veja o box*).

A unir as narrativas de *Piacevoli Notti* está um quadro criado pelo autor: durante o carnaval, a cada noite é sorteada uma pessoa que contará uma história. Antes disso, porém, ocorrem festividades e danças, e as mulheres apresentam um poema. Essa moldura remete a dois relevantes fatores para o livro: tratava-se não apenas de um procedimento comum às publicações da época, como já havia acontecido com o *Decameron* (1348-1353), de Boccaccio, mas de uma recuperação do que ocorria na realidade, já que em Veneza eram frequentes os encontros para se ouvirem e contarem histórias.

O segundo capítulo dessa espécie de memorial das fábulas, ainda encenado em terras italianas, apresenta justamente Giambattista Basile, aquele que no século XVII nos brindou com uma primeira versão da Bela Adormecida em seu *Pentameron*. Sem esconder, já a partir do título, de quem é devedor – aqui está Boccaccio mais uma vez! –, esse erudito e aristocrata foi buscar nas fontes orais napolitanas as narrativas maravilhosas. Ali estão não apenas “O Sol, a Lua e Tália”, mas também o que se identifica como a origem de “A gata borralheira” e “O pequeno polegar”.

Esses dois livros representam, conforme escreve Nelly Novaes Coelho em *O conto de fadas* (1987), “as duas fontes europeias mais importantes” das histórias que até hoje nos encantam. Além de apresentarem os primeiros registros de uma viva e vasta tradição popular, permitem



reconhecer, em retrospecto, os elementos comuns aos contos pertencentes às mais diversas regiões: “Em essência, se revelam como versões mediterrâneas de narrativas maravilhosas de fundo comum, indo-germânico ou saxônico, reminiscências das novelas de cavalaria”, explica uma das maiores especialistas brasileiras em literatura infantil.

Para entender o que diz Nelly Novaes e avançar na história dos contos de fadas, é preciso situar o terceiro capítulo em um novo cenário: a França do século XVII. O protagonista aqui é Charles Perrault, um senhor de vida social bastante irregular. Quando morreram seus pais, o irmão mais velho comprou um título de nobreza, levando os Perrault a desfrutar de uma situação

bastante confortável e de muito prestígio. Charles entrou para a Academia Francesa, tornando-se um dos principais autores da época. Em 1691, apresentou aos colegas acadêmicos o primeiro conto popular transmutado em literatura erudita pela própria pena. E, em 1697, publicou o volume *Contos da Mamãe Gansa*, com histórias famosas até hoje.

Há quem diga que se tratava de tarefa de um pai muito dedicado: tendo perdido a mulher seis anos depois do casamento, ele cuidou sozinho dos quatro filhos a partir de 1678. As histórias seriam um recurso para entreter e formar as crianças – o que ele faria com mais dificuldade após 1683,

quando perdeu o título que o aproximava da corte e os rendimentos daí decorrentes.

Estivesse ou não inflado pelo espírito paternal, o fato é que Charles Perrault se tornou o pai da literatura infantil. A publicação de 1697 foi a primeira recriação literária de histórias tradicionais dirigida às crianças. É claro que algumas coisas nos soam estranhas hoje em dia, a começar pelo conto “A Bela Adormecida no bosque”.

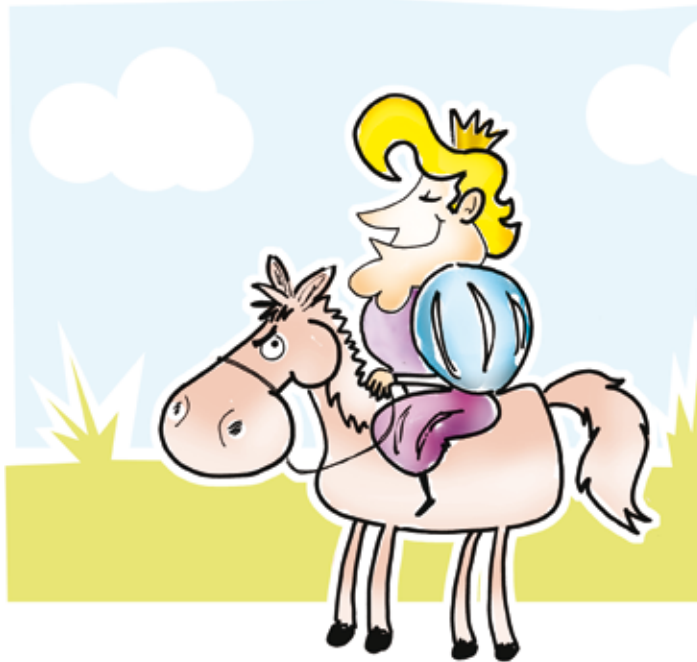
Na versão do escritor francês, a história também vai além



do momento em que o príncipe se apaixonou pela donzela desacordada.

Na verdade, é a chegada dele que a faz despertar (ainda não existia o beijo mágico), e eles vivem um romance clandestino por dois anos, mesmo após o nascimento de Aurora e Sol. Isso porque a mãe do apaixonado, por ser uma bruxa, tinha um apetite especial por criancinhas, e ele não queria ver os filhos devorados. Mas quando o príncipe se torna rei, conduz a família ao reino – e a chegada de uma guerra, na qual deve lutar, não lhe deixa outra alternativa senão transferir o cuidado da mulher e dos filhos para a sua perigosa mãe. O rei, porém, retorna a tempo de salvar a família, e a bruxa fica tão enfurecida que se atira no caldeirão onde as vítimas seriam jogadas. “É claro que o rei ficou triste: ela era sua mãe; mas logo se consolou com a sua bela esposa e os seus filhos”, conclui o narrador em uma das traduções disponíveis no Brasil (Charles Perrault, *Histórias ou contos de outrora*, tradução de Renata Cordeiro, Landy Editora, 2004).

Só pelos resumos já é possível perceber algumas das adaptações realizadas por Perrault. Sua versão de “A Bela Adormecida” parece bem menos cruel – a mãe do rei não é assassinada, mas se mata, e a rainha não acaba morta pelo marido – e tampouco insólita – a donzela tem os filhos já acordada, e não ainda adormecida, como acontecia no *Pentameron*. Mas a lição ao fim do conto, apresentada em versos, pode mexer com o nosso bom senso, apesar do tom jocoso e algo irônico: “A fábula deseja apenas nos mostrar,/ Que do hímen amiúde os nós tão delicados,/ Não deixam de ser bons, ainda que adiados,/



Que espere quem se quer casar;/ Mas as mulheres, sempre a arder,/ Aspiram à fé conjugal,/ Que eu não tenho coragem, nem poder/ De lhes pregar esta moral.”

Nesse gênero literário, moralidade é, aliás, um importante pano de fundo. Há quem veja nas fábulas a intenção de explicar a divisão da sociedade entre ricos e pobres de modo natural, para que ninguém tentasse questioná-la. Outros entendem a presença de fadas e princesas como uma defesa da mulher em uma sociedade patriarcal (mas,

pensando bem, elas só vivem felizes para sempre quando se casam, o que torna a tese pouco fiável). De um princípio, no entanto, é difícil discordar: as fábulas são, como definem o escritor italiano Italo Calvino, “uma explicação geral da vida”. Ou, se quisermos uma maneira mais explicativa de dizer o mesmo, podemos recorrer a Marina Warner, que em *Da fera à loira* (Companhia das Letras, 1991, tradução Thelma Médici Nóbrega) estudou as fábulas em profundidade: “O encantamento universaliza os cenários das narrativas, oculta interesses, crenças e desejos sob imagens brilhantes e sedutoras, que são em si uma forma de camuflagem, tornando possível emitir verdades rudes, de ousar dizer o que se deve calar.”



Retomando o fio da meada e voltando a situar a ação em território francês, muitos especialistas afirmam que as *Noites agradáveis* serviram de inspiração a Perrault, mas rejeitam a possibilidade de ele haver consultado a obra de Basile, com o qual, entretanto, partilha grandes coincidências. Seja como for, não havia traduções do *Pentameron* para o francês, e o livro foi escrito no dialeto napolitano, ainda



menos acessível do que o idioma italiano. O que se argumenta é a existência de uma estrutura comum às fábulas: nas diferentes tradições orais, as inúmeras histórias se resumiriam a poucas dezenas de modelos básicos, apresentando particularidades de acordo com as regiões em que eram cultivadas.

Foi esta a conclusão a que chegou um estudioso italiano, Ferdinando Neri, em 1934: “Os inúmeros confrontos com o folclore de outros países acabam por excluir qualquer possibilidade de uma localização, a não ser pontual e transitória. A lenda passa, adeja, está em todos os caminhos como uma poeira dispersa nas pegadas dos homens.”

A definição das origens é uma das principais discussões envolvendo as fábulas. O estudo de sua estrutura básica levou o linguista russo Vladimir Propp a postular que esses contos tenham nascido de rituais primitivos. As histórias seriam redutíveis à representação da iniciação sexual dos jovens e da morte. Cada ponto do enredo teria correspondência com uma das provas do ritual. À medida que as comunidades perdiam o sentido sagrado dessas práticas, as histórias foram ganhando vida própria, até se tornarem profanas e circularem como simples narrativas.

A verdade é que, durante o século XX, os contos de fadas serviram aos mais variados estudos.

À parte os literários e os antropológicos, relacionam-se também os estudos psicanalíticos, com destaque para Freud e Jung. Quem saiu perdendo com isso, especialmente na Itália, foi o leitor comum – quase nada se editou para o público geral, já que o sabor natural das histórias acabou assumindo papel coadjuvante. Até que nesse cenário cientificista um novo protagonista viesse



enfim a despontar: Italo Calvino, então um jovem escritor.

Publicado em 1968 – antes, portanto, de uma grande obra como *As cidades invisíveis* (1972) –, o livro *Fábulas italianas* reúne 200 histórias que o autor italiano colheu em diversas publicações, inclusive as especializadas. Tendo como objetivo apresentar ao leitor de ficção histórias

maravilhosas, selecionou as que despertavam mais encantamento, cuidando ainda de uns retoques literários.

“Para mim era”, escreve Calvino, “um salto no escuro, como pular de um trampolim e mergulhar num mar em que há um século e meio só se atreve a entrar quem é atraído não pelo prazer esportivo de nadar entre ondas insólitas, mas por um apelo do sangue, como para salvar algo que se agita lá no fundo e que, caso contrário, se perderia sem voltar à tona”. Esse trecho do prefácio, que só poderia ter sido formulado por um romancista, e não por um homem das ciências, mostra o problema em que os estudos haviam metido as fábulas. O texto introdutório constitui, aliás, um verdadeiro estudo, em que o escritor dá conta de esclarecer para o leitor os principais nós da história das narrativas orais italianas.

De seu mergulho ou salto no escuro Calvino

emergiu com uma quase certeza: embora a definição das origens seja efetivamente um problema, há um ciclo de fábulas que muito provavelmente nasceu em terras italianas. Trata-se da história do amor entre três laranjas, ou três cidras (narrada por Basile no *Pentameron*), ou três romãs, dependendo da versão. Nesta última – a apresentada por Calvino –, “um filho de rei” deseja encontrar uma moça branca como





o leite e vermelha como o sangue. Finalmente a encontra dentro de uma romã, mas uma série de peripécias, que incluem a atuação de Feia Sarracena, distancia os amantes. Depois de se transformar num pombo, a moça volta a ser novamente uma bela mulher saída de uma romã. O final da história? “E o filho do rei desposou a jovem.”

Nessa história, Calvino identifica o que acredita serem algumas particularidades italianas. Em primeiro lugar, o “senso de beleza” implicado na metamorfose da mulher em fruto. Há também uma crueldade mais reduzida – neste caso, o filho do rei afirma não querer punir a Feia, e por isso ordena que ela mesma escolha seu destino.

Ela pede para ser queimada em uma camisola de piche, conforme se queimavam as bruxas (na vida real!). E ainda outros elementos: jamais se fala em “príncipe” ou “princesa”, e sim em “filho do rei” ou “filha do rei”; não há castelos, mas palácios; nem sempre a bruxa se chama mesmo bruxa...

A esta altura, apresentado o que seria tipicamente italiano, o leitor deve estar se perguntando sobre uma das figuras infantis mais conhecidas e queridas: Pinóquio. O boneco de madeira só tem a ver com a história geral dos contos de fadas porque seu criador, Carlo Collodi, foi ele mesmo um tradutor de fábulas de Perrault e outros franceses em 1876. Sim, senhores: sua grande criação não está nem perto da antiguidade de algo como “Tália, o Sol e a Lua”. Como você poderá conferir na seção Literatura, desta edição, *As aventuras de Pinóquio* foram definitivamente publicadas em livro somente em 1883.

A juventude do filho de Geppetto não o impediu, porém, de se tornar o pai de toda uma tradição nas histórias infantis, a dos bonecos falantes. Você nem precisa procurar tão longe: lembre-se de Emília, de Monteiro Lobato, para notar a continuidade da criação de Collodi. Outra prova de sua influência poderá ser encontrada se expandirmos nossos horizontes: no filme *Inteligência artificial* (que Steven Spielberg lançou em 2001, a partir de material inicialmente trabalhado por Stanley Kubrick), está a Fada Azul, versão para lá de contemporânea da Menina dos Cabelos Turquesa que acompanha as aventuras de Pinóquio.

Mas retornemos à ação principal, agora em um



quarto capítulo, que não é o fim da história, mas um de seus episódios especiais: os *Contos populares do Brasil*, que Sílvio Romero colheu em diversas tradições do país e reuniu em livro, publicado pela primeira vez em 1885, em Lisboa. Como era de se esperar, as origens de nossas histórias são ao mesmo tempo europeias, indígenas, africanas e mestiças – havendo espaço para versões nacionais, como “Maria Borrallheira” e “João mais Maria”. Os detalhes você pode conhecer no quadro ao lado – por isso, relaxe e aproveite os últimos momentos da grande história das histórias maravilhosas. Na verdade, não se apresse em fechar a capa deste “livro”, deixando-se levar pelo modo como as fábulas estimulam nosso imaginário e nos

ajudam a pensar sobre importantes fases e conflitos da nossa vida.

#### Para conhecer as histórias:

Não há traduções brasileiras do *Pentameron* de Basile, e de Straparola se encontra um pequeno volume, com apenas quatro histórias: *Noites agradáveis* (Princípio, 2007, tradução de Renata Cordeiro, 144 páginas, R\$ 40).

As histórias colhidas no Brasil estão reunidas em *Contos populares do Brasil*, de Sílvio Romero (Landy, 2000, 248 páginas, R\$ 30), e as de Perrault, em diversas edições (*Histórias ou contos de outrora*, Landy, 2004, tradução de Renata Cordeiro e ilustrações de Gustave Doré, 224 páginas, esgotado; *Contos de Perrault* recontados por Ruth Rocha, Salamandra, 72 páginas, R\$ 35; *Contos de Perrault*, Ática, 2006, tradução de Fernanda Lopes de Almeida, 86 páginas, R\$ 41,90).

No volume *Fábulas italianas*, de Italo Calvino (Companhia das Letras, 2006, tradução de Nilson Moulin, 496 páginas, R\$ 29, edição de bolso), há não apenas as tradicionais histórias italianas, como também um esclarecedor prefácio. Quem quiser se aventurar no estudo desses contos pode começar pelo claro e inteligente *Em busca dos contos perdidos*, de Mariza Mendes (Editora Unesp, 2000, 153 páginas, R\$ 30), que traça a história dos contos de fadas desde o Renascimento italiano até os nossos dias, analisando, ainda, o papel das figuras femininas nessas narrativas.

**\*Luísa Destri, jornalista, é mestre em Teoria Literária pela Unicamp**

---

# As diferentes versões dos contos de fadas (ou sem fadas)

## A Bela Adormecida

**Basile:** em *O Sol, a Lua e Tália*, duas crianças nascem de uma princesa ainda adormecida, frutos de uma relação adúltera. Ela desperta quando um dos pequenos, ao tentar mamar, suga seu dedo. O romance ilícito já não pode, assim, ficar escondido. A rainha descobre a traição e tenta servir os filhos em uma refeição para o marido. Seu plano não dá certo: o rei mandá matá-la e vive feliz para sempre com a amante.

**Perrault:** a futura princesa, adormecida há cem anos, acorda quando o príncipe se emociona com sua beleza. O casal se apaixona, e ele precisa esconder da mãe que teve dois filhos, Auróra e Sol, com a princesa do bosque. Mas depois acaba levando a família para o reino. Na primeira oportunidade em que o príncipe está ausente, a rainha malvada tenta matar as crianças e a princesa. Mas o príncipe, já tornado rei, consegue salvá-los. A bruxa se mata.

**Silvio Romero:** no conto de origem europeia, não há nenhuma fada, mas a história é ainda de um adultério. O rei caçador encontra no bosque uma moça (que não estava dormindo). Eles têm três filhos, Sol, Lua e Luar. A rainha tenta matá-los, mas acaba ela mesma tornando-se vítima de sua própria armadilha.

## Cinderela:

**Basile:** fingindo ajudar Zezolla a se livrar da madrastra, a governanta instrui a menina a matá-la e a pedir que o pai se case com ela. Os planos se realizam, mas a governanta (tornada madrastra) é ainda mais malvada que a esposa anterior. Por ser inteligente, a menina recebe das fadas da Sardenha uma árvore mágica, que lhe fornece as roupas e os sapatos para frequentar o baile em que conhecerá o príncipe.

**Perrault:** criador dos sapatinhos de cristal que se tornaram tão famosos, o francês narra uma versão em que não há vingança final: depois de se casar com o príncipe, a princesa leva as irmãs maldosas para o palácio, e elas se casam com nobres da corte.

**Silvio Romero:** na versão colhida em Sergipe, Maria Borracheira é ajudada por uma vaquinha (deixada por sua falecida mãe), e não por uma fada. Encantada, a princesa aparece com chapins (espécie de coturno) de ouro nos pés e uma estrela na testa. É por causa desse sapato pesado que o príncipe a encontra. Destino da madrastra? “Teve um ataque e caiu para trás!”

## O Gato de Botas

**Straparola:** uma viúva deixa para os dois filhos mais velhos uma gamela e um cilindro de fazer pão e, para o mais novo, uma gata. Os primeiros aproveitam a herança para trocar produtos com os vizinhos; ao outro, Constantino, que nada recebe dos irmãos, a gata promete transformá-lo em um homem cheio de posses. Por uma sucessão de artimanhas construídas pelo animal, ele se torna rei da Boêmia.

**Basile:** em “Gagliuso”, o gato decide testar a fidelidade de seu amo após as manobras que o levaram a enriquecer. Finge-se de morto, e o rapaz pede à esposa que jogue o corpo por cima do muro. Frustrado, o gato decide não perdoar seu antigo amo e lhe lança uma maldição.

**Perrault:** a versão francesa é bastante semelhante à de Straparola, mas o gato é mais esperto, e o rapaz é filho de um moleiro.

## O pequeno polegar

**Basile:** nesta versão, há duas crianças – Nenillo e Nenilla –, cujo pai é convencido pela madrastra a abandoná-los na floresta. Um dia se perdem: a menina é engolida por um peixe, dentro do qual ela encontra um castelo; o menino torna-se garçom em banquetes reais. Quando se reencontram, voltam para casa. O pai é punido com o remorso, e a madrastra, com a morte.

**Perrault:** menor do que um polegar, o caçula entre sete filhos de um lenhador é abandonado na floresta, transformando-se no mais corajoso e esperto da família. Depois de enfrentar uma série de peripécias, ele enriquece, mas não chega a se casar.

**Silvio Romero:** é em *João mais Maria* que surge o tema das crianças perdidas na floresta. Os dois irmãos são atraídos por uma feiticeira da floresta, mas, instruídos por Nossa Senhora, assam-na no forno e se protegem em sua casa. Maria começa a namorar um rapaz que planeja matar João, mas este se salva com a ajuda de três cães. Também com a ajuda desses animais, João salva uma princesa, com quem virá a se casar.

## Quase um século de arte

*À beira dos cem anos, a loja Empório Michelangelo permanece sob a direção da mesma família italiana e mostra que o gosto pela pintura é capaz de sobreviver ao tempo*

Por Barbara Ramazzini

**O**s olhos verdes vívidos acompanhados pela boca pintada de vermelho impressionam. O tempo lhe foi grato. Aos 70 anos, Catharina Colasuonno ainda mantém o corpo delicado e elegante. Não à toa, uma amiga confessa: “Ela é a grande musa inspiradora dos artistas que passam por aqui”. O

local a que se refere é o Empório Michelangelo, a loja de artigos de pintura mais antiga da cidade de São Paulo, pertencente à família de Catharina: os *oriundi* Colasuonno.

Tamanha é a ligação dos Colasuonno com o Colégio Dante Alighieri, que as duas histórias

se entrelaçam em vários momentos. Desde os primeiros imigrantes que chegaram à capital paulista no começo do século XX, são três as gerações que se sentaram às carteiras da escola centenária.

Tudo começou quando o então jovem engenheiro Felice Alberto Orlandi resolveu se aventurar no Brasil. Para quebrar um galho, chegou a dar algumas aulas de matemática no Dante. E incentivou

ARQUIVO PESSOAL CATHARINA COLASUONNO



Em 1930, o Empório Michelangelo ficava na ladeira Dr. Falcão, centro de São Paulo. Já em 1970, havia se mudado para a rua Martins Fontes. Ao lado, funcionários da loja quando ela já se localizava na rua Líbero Badaró. De óculos, apoiado no balcão, José Colasuonno, pai de Catharina







**“Quando fiz 15 anos, idade em que toda menina quer uma festa de presente, eu pedi um quadro. Fui a uma galeria e escolhi um do Dario Mecatti, que na época era amigo do meu pai”, conta Catharina**

o amigo de infância e artista plástico Cesare Colasuonno a seguir o caminho de professor.

Motivado pela ideia de pintar o “verde tropical”, Cesare saiu da província de Irsina (na Basilicata, sul da Itália) e desembarcou no que o companheiro chamava de “paraíso” em 1915. Passou a ganhar a vida dando aulas de pintura. Nasceu, então, a Scuola di Belle Arti Michelangelo (Escola de Belas Artes Michelangelo), a primeira do ramo em São Paulo.

O artista, contemporâneo dos renomados Pedro Alexandrino Borges e Antonio Rocco, gostou tanto de morar nas terras estrangeiras que chamou o irmão para partilhar do que era, em princípio, uma aventura juvenil. Aos 26 anos, José Colasuonno largou o posto de fiscal de finanças na fronteira com a Áustria para também tentar a vida aqui, em 1927.

Com um tino comercial aguçado, percebeu que não havia tintas nacionais e logo tratou de comercializar a sua importação. Todo o trâmite era feito por meio dos consulados. Para vendê-las, abriu, junto à escola do irmão, o Empório

Artístico Michelangelo, em pleno centro de São Paulo, na ladeira Dr. Falcão. Estava montado o formato da loja que os descendentes fariam questão de manter até hoje. A filha, Catharina, foi uma das responsáveis pelo feito. Mas, para ela nascer, uma história praticamente de novela precisou acontecer.

Enquanto José Colasuonno olhava o álbum de fotos do amigo Alfonso Orlandi, apaixonou-se à primeira vista por uma das irmãs do colega. Como se tivesse levado uma flechada de Eros, foi num impulso à Itália pedir a mão de Vicentina Orlandi em casamento. A menina era apenas uma adolescente, e o rapaz era quase 15 anos mais velho. Os dois fatos fizeram com que o pedido fosse, em princípio, negado. José voltou, então, para o Brasil. Mas em 1937, a família da menina seguiu a mesma trilha de Felice Orlandi e rumou para o Brasil. Foram apenas sete meses para que José e Vicentina se unissem num matrimônio

que gerou quatro filhos: Miguel (que veio a ser prefeito de São Paulo de 1973 a 1975), Catharina, Maria e Savério.

“Fui criada num ambiente daquela Itália antiga, quando a música e a pintura eram primordiais. Para nós, a arte era como a comida de todo dia. Eu convivia o tempo todo com artistas. Quando fiz 15



**Catharina quando aluna do Dante, em 1951, cursando o quarto ano primário (hoje quinto ano do Ensino Fundamental). Ela é a quinta menina da segunda fila, contando de baixo para cima e da esquerda para a direita**



**A loja, hoje situada na Vila Madalena, zona oeste paulistana, ainda tem seu nome reconhecido entre os artistas e outros profissionais do meio. E se mantém acolhedora aos visitantes**

anos, idade em que toda menina quer uma festa de presente, eu pedi um quadro. Fui a uma galeria e escolhi um do Dario Mecatti, que na época era amigo do meu pai”, conta Catharina, que até hoje mantém a pintura pendurada na parede.

Somente ela, na família, se interessou pelo negócio. Desde pequena, frequentava a loja. Saía do Colégio Dante Alighieri - o qual frequentava desde os 4 anos junto com os irmãos para aprender a falar português - e ia brincar no Empório. O alto pé-direito do estabelecimento exigia escadas com um trilho para percorrer as enormes prateleiras. Ali era onde Catharina se divertia com Miguel. “Enquanto me agarrava à escada, meu irmão me empurrava pelo trilho, para o desespero do meu pai”, relembra. “Sempre fui muito levada. Continuo assim depois de velha, imagina quando criança!”, diz, aos risos.

As traquinagens também aconteciam pelo Colégio. “Todo mundo adorava bater aquele sino do Dante. Nós aprontávamos muito!”, conta Catharina, com

um sorriso arteiro. A ex-aluna guarda, além de boas lembranças, muitas amizades, algumas que duram até hoje. “Uma delas, a Júlia, estudou comigo na mesma classe desde o Jardim até o último ano da faculdade!”.

Foi por meio de Júlia que Catharina conheceu seu marido, parente de sua amiga. Um dia a colega lhe contou que seu primo, também ex-aluno do Dante, tirou nota dez com a professora Ana Albanese, famosa pela rigidez nas aulas de matemática. Catharina se interessou por aquela pessoa com tamanha inteligência. Quando o viu, lembrou que havia dançado com o rapaz, Agostino Piccioni, num baile de inauguração da piscina do clube Paulistano, que frequentava. Começaram a namorar e se casaram quando a jovem completou 22 anos, em 1964.

Mas a vida foi breve para Piccioni. Faleceu de endocardite, uma infecção no coração, em 1968, aos 29 anos, deixando a esposa com duas filhas.



Catharina se ligou ao trabalho mais do que nunca. Apesar de ser pedagoga de formação, dividia o timão da loja com o pai, que só saiu de lá quatro meses antes de falecer, aos 89 anos. Com o acerto da divisão dos bens deixados, Catharina ficou com os direitos da marca Michelangelo. Não só porque ela se afeiçoava ao negócio, mas porque sua filha mais velha, Cláudia Piccioni, tomou gosto pela empresa também.



**A bela Catharina, sempre impecavelmente vestida e arrumada, no interior da loja em 1995**

O Empório viu São Paulo crescer e seguiu os passos da cidade. “Quando o miolo do centro ficou impraticável, fomos para a rua Martins Fontes. Depois, seguimos para a avenida Faria Lima, em frente ao shopping. Mudamos para cá, na Vila Madalena, em 2008, porque percebemos que aqui havia uma concentração de artistas”, descreve Cláudia. Foi assim, na rua Fradique Coutinho, que conseguiram montar a loja com um café, uma galeria e a escola de arte.

Mas a trajetória do empreendimento não foi só feita de estabilidade. “Passamos por diversas crises”, lembra Catharina. “Uma delas foi durante a Segunda Guerra Mundial, quando Getúlio Vargas proibiu que se falasse em italiano. Assim como o Dante, a Michelangelo teve de mudar de nome: tornou-se Empório Artístico Miguel Ângelo”. A segunda grande turbulência veio com o Plano Collor (1990). Atualmente, as proprietárias sentem passar por mais uma. “As pessoas estão mais econômicas”, confessa Cláudia.

De qualquer forma, esses períodos não foram suficientes para derrubar a base sólida na qual a empresa foi construída. Mesmo que a vinda dos computadores tenha feito com que profissionais como engenheiros, arquitetos e designers trocassem os pincéis e as tintas pelo mouse e por canetas eletrônicas, a loja sempre se preocupou em se adaptar ao mundo que a cercava. Assim que a internet começou a fazer parte da rotina das pessoas, trataram de fazer um site para a empresa, em 1996. Hoje, também efetuam vendas on-line e fazem concursos pela rede social Facebook. “Saímos sempre na frente. A crise nos atinge até

certo ponto, porque ainda somos um nome muito conhecido”, garante a herdeira.

O incentivo a novos artistas também foi uma ação que contribuiu para o reforço da marca na cidade. “O meu pai sempre fez questão de dar a primeira chance a novatos. E eu continuo seguindo esse lema”, conta Catharina. Além da exposição dos quadros, durante um

período da década de 90 a loja realizava concursos, com direito a uma bolsa de estudos no exterior para o ganhador. Já foram contemplados pela loja importantes artistas, desconhecidos na época, como Eduardo Srur (hoje, famoso pelas intervenções urbanas, como “Sobrevivência”, de 2008, na qual foram colocados coletes salva-vidas em estátuas públicas).

E qual é o segredo de quase um século vendendo artigos para os amantes das artes? Talvez o fato de a família nunca ter deixado de lado o bom relacionamento, construído à moda antiga com todos que circundam a loja. De clientes a galeristas, de amigos a fornecedores, não importa. Quem passa por lá sente-se parte dessa história quase centenária.

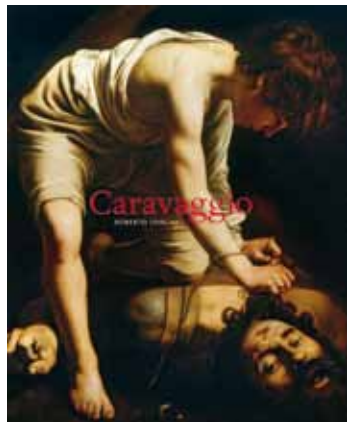


**O artista Eduardo Srur, quando venceu um concurso da loja na década de 1990 por conta do quadro da foto, e ganhou uma bolsa de estudos no exterior**



Por Luisa Destri\*

## O momento de Caravaggio no Brasil



“A verdade é que todo pintor, ao fim e ao cabo, só dá aquilo que o mundo lhe pede, mostrando, dentro desses limites, a sua maior ou menor capacidade de resistência.” Tomada como a máxima que pretende ser, a sentença do historiador

de arte Roberto Longhi (1890-1970) talvez gere estranhamento ou alguma discussão. Mas, aplicada ao contexto de *Caravaggio*, de onde foi extraída, sintetiza a relação que a obra do pintor italiano (1573-1610) desenvolveu com as exigências de sua época.

Iniciado bastante cedo na tarefa (antes de completar 11 anos), Caravaggio apresenta uma trajetória cujas fases se fazem notar no tratamento do escuro em seus quadros. Entre um *Menino mordido por um lagarto*, de 1595-96, e *Cupido adormecido*, de 1608, o artista enfrenta o que Longhi chama de crise estética e mental – manifesta, por exemplo, na obscuridade que envolve uma obra como *Narciso*, de 1598-1600. Superado esse momento e motivado pelo

desconforto com a representação convencional de passagens bíblicas, o pintor teria encontrado maior liberdade para lidar com os claros e escuros.

Na coerente leitura que Longhi compõe do conjunto da obra, destacam-se algumas constantes caravaggianas: a recusa em aceitar as convenções artísticas e o desejo de buscar formas próprias; o tratamento equivalente dado a objetos e homens que integram os quadros; a humanização de figuras clássicas, frequentemente comparáveis a modelos anônimos e pobres; e, no que diz respeito ao Catolicismo, doutrina implicada na demanda por vários de seus quadros, um “compromisso antirretórico com uma religião oculta e apenas ocasionalmente revelada à compaixão do homem comum”.

Claro e fluente, o texto de Longhi contempla todo tipo de público, mesmo o não iniciado. E esta edição, que ainda conta com um esclarecedor prefácio de Lorenzo Mammi, é lançada em um momento especialmente proveitoso para os paulistanos interessados na obra de Caravaggio: está prevista, com início em julho, no Masp, uma mostra do pintor italiano, que integra a programação do Ano da Itália no Brasil e será composta por oito de suas telas e por outras de artistas com ele relacionados.

**Caravaggio**  
**160 páginas - Cosac Naify**

### Trecho

“Não é difícil entender o que se seguiria a essa decisão de proceder pelo espelhamento da realidade. Seguiu-se a *tabula rasa* do costume pictórico da época, que, preparando os temas com lápis e papel e por meio da erudição histórico-mitológica e da abstração estilizante, havia elaborado uma classificação do representável, a qual, transposta socialmente, não poderia converter em figuração senão os graus mais elevados. Mas Caravaggio se voltava ainda para a vida como um todo, sem classes, para os sentimentos simples e para o aspecto cotidiano dos objetos, das coisas

que, no espelho, valem tanto quanto os homens, as ‘figuras’.

Assim, quando começa a pintar por ‘si mesmo’, Caravaggio já havia destruído as duas grandes reservas iconográficas do uso corrente: a mitologia sagrada e a profana; e, esvaziada a escala dos temas, se algum deles ainda lhe é solicitado ou talvez imposto – Baco ou Medusa, por exemplo –, ele sente que deve tratá-lo às avessas, não sem uma ironia polêmica.”

## Sobre dúvidas e feridas abertas



**U**m crime brutal, imenso e misterioso; segredos de Estado e terrorismo; sofrimentos psíquicos intensos observados por uma psiquiatra sagaz – eis a receita para que um livro seja capaz de prender a atenção do leitor. Não bastassem esses elementos, somem-se ainda os capítulos curtos e que

intercalam dois narradores, os longos trechos em diálogo e uma história de amor que está sempre ali, ao fundo da ação principal.

Essa é a receita de *XY*, novo romance do italiano Sandro Veronesi, autor também de *Caos calmo* (2005), cuja adaptação para o cinema contou com Nani Moretti no papel de protagonista. E, como acontecia na trama recontada pelo diretor Antonello Grimaldi em 2008, as personagens são extremamente bem construídas, nelas residindo o principal interesse do livro.

Opondo-se à população de um vilarejo incapaz de buscar a verdade da tragédia que lhes sucedeu, Giovanna Gassion, a psiquiatra, e o padre dom Ermetto unem-se para um objetivo declarado – fazer com que todos superem o trauma – e por razões veladas: a crise individual por que cada um passa. Ela, por ver questões da juventude voltarem para conturbar sua vida adulta; ele, por começar a duvidar de sua fé.

A novidade, neste livro, é o acentuado interesse do autor por questões básicas da contemporaneidade: o que ocorre quando uma vila isolada, estruturada nas solidárias relações humanas, é atacada pelo interesse voraz da mídia e do jogo político? Quais crenças substituem a religiosa? Como aceitar um fato sem sentido aparente?

**XY**  
**320 páginas - Rocco**

## Para a alegria de Geppetto



**E**squeça aquela imagem do boneco de madeira cujo nariz cresce diante de suas mentiras: Pinóquio está bastante além disso – faz viagens ao Campo dos Milagres, à ilha das Abelhas Operárias e ao País dos Folguedos; salva amigos da morte, vive situações de extremo perigo e é pego pela polícia algumas vezes. Na movimentada narrativa, as mentiras não são o seu erro mais frequente.

*As aventuras de Pinóquio*, publicadas em livro por Carlo Collodi em 1883, e desde então uma das mais tradicionais histórias infantis, é também obra de referência para a literatura italiana. Como mostra Italo Calvino no posfácio à nova edição brasileira, quase nada teria sido escrito sem que o livro houvesse inaugurado a figura romântica e livre do protagonista, numa prosa extremamente imagética e consciente de seus recursos linguísticos.

Por isso, embora a narrativa não deixe de demonstrar aos pequenos a importância dos estudos e do respeito a quem lhes quer bem, sua dimensão moralista é a menos evidente. Impondo um ritmo de leitura implacável até mesmo para um leitor preguiçoso, tem espaço para o *nonsense* – como no momento em que Pinóquio é preso para “dar uma lição” nos ladrões que o roubaram – e para o deleite com a própria composição – “Era uma vez...// - Um rei, dirão logo os meus pequenos leitores.// Não, meninos, vocês se enganaram. Era uma vez um pedaço de pau”, inicia o narrador.

Nesta edição – com projeto gráfico delicado e tradução cuidadosa –, o leitor poderá descobrir por que o público não deixou que Collodi desistisse de *Pinóquio*. Sim, o autor tentou matá-lo em 1882, mas, por insistência do jornal que publicava a história em capítulos, acabou por ressuscitá-lo.

**As aventuras de Pinóquio**  
**360 páginas - Cosac Naify**

\*Luisa Destri, jornalista, é mestre em Teoria Literária pela Unicamp

# A doce expressão do silêncio

*A Itália na trajetória do cinema silencioso paulista: da influência do teatro operário à produção de Gilberto Rossi*

Por Nathalia Costa

**C**om a chegada massiva de imigrantes italianos em São Paulo no início do século XX, a cidade passou por grandes transformações em sua paisagem urbana e em seu modo de vida. O florescimento de uma nova classe impulsionou o desenvolvimento de uma rica cultura operária, que teve como primeiro expoente o teatro, ancestral direto do cinema silencioso (leia-se, mudo) paulistano. Aos poucos, as artes se entrelaçaram e, muitas vezes, os protagonistas das peças e dos filmes eram os mesmos.

Depois de participar de duas temporadas teatrais no Brasil, o ítalo-brasileiro Vittorio Capellaro voltou ao país em 1915 com um novo objetivo: a sétima arte. O diretor filmou *Inocência*, obra que, baseada no romance homônimo de Visconde de Taunay, escrito em 1872, também o lançou como ator. Esse foi o pontapé inicial de um trabalho que se ocupou em levar os clássicos da literatura brasileira às telas. Até 1918, cerca de quinze produções foram rodadas na capital paulista, entre longas-metragens, filmes de propaganda política e documentários.

O ano de 1919 assistiu a uma grande ruptura artística no cenário amador, e a produção se deslocou para as nascentes escolas de cinema, que tiveram um início instável: muitas emergiram e desapareceram rapidamente. Elas foram idealizadas com o objetivo de viabilizar a criação de novos projetos, mas acabaram por ir muito além do esperado e tornaram-se locais de debates e centros de formação de atores e técnicos especializados. A Scuola Azzuri, dirigida por Arturo Carrari, foi um dos grandes núcleos de aprendizado da época e só teve suas atividades interrompidas em 1924. Antigos alunos acabaram migrando para outras instituições. Foi o caso de

Francisco Madrigano, que fundou a Internacional, e esteve à frente de obras como *Eufemia* (1927), *Orgulho da mocidade* e *Enquanto São Paulo dorme* (ambas de 1929). Já Achille Tartari criou a Anhangá e dirigiu *Piloto 13* e *Amor e Patriotismo* (ambas de 1930).

Nesse contexto, surgiu o nome de um dos principais expoentes do cinema mudo paulistano: Gilberto Rossi. Convencido pelo amigo Luigi Guerazzi, o italiano desembarcou no Brasil com o sonho de se estabelecer como cineasta. Sem muito sucesso, Rossi dedicou-se inicialmente à fotografia em Jundiá e no Mato Grosso. Mas acabou voltando para São Paulo e deu sequência à carreira cinematográfica. Filmou reportagens para um cinejornal e arrecadou fundos para a criação da São Paulo Natural Films. Pouco tempo depois, já havia firmado uma parceria com Carrari. Juntos, eles produziram *O crime de Cravinhos* (1920), um grande sucesso de bilheteria. O filme é baseado em fatos reais sobre um assassinato que havia acontecido na região de Ribeirão Preto, onde uma “rainha do café” fora morta. O retrato de uma oligarquia salvaguardada pela polícia fez com que a película fosse censurada no dia da estreia, o que despertou ainda mais a curiosidade do público.

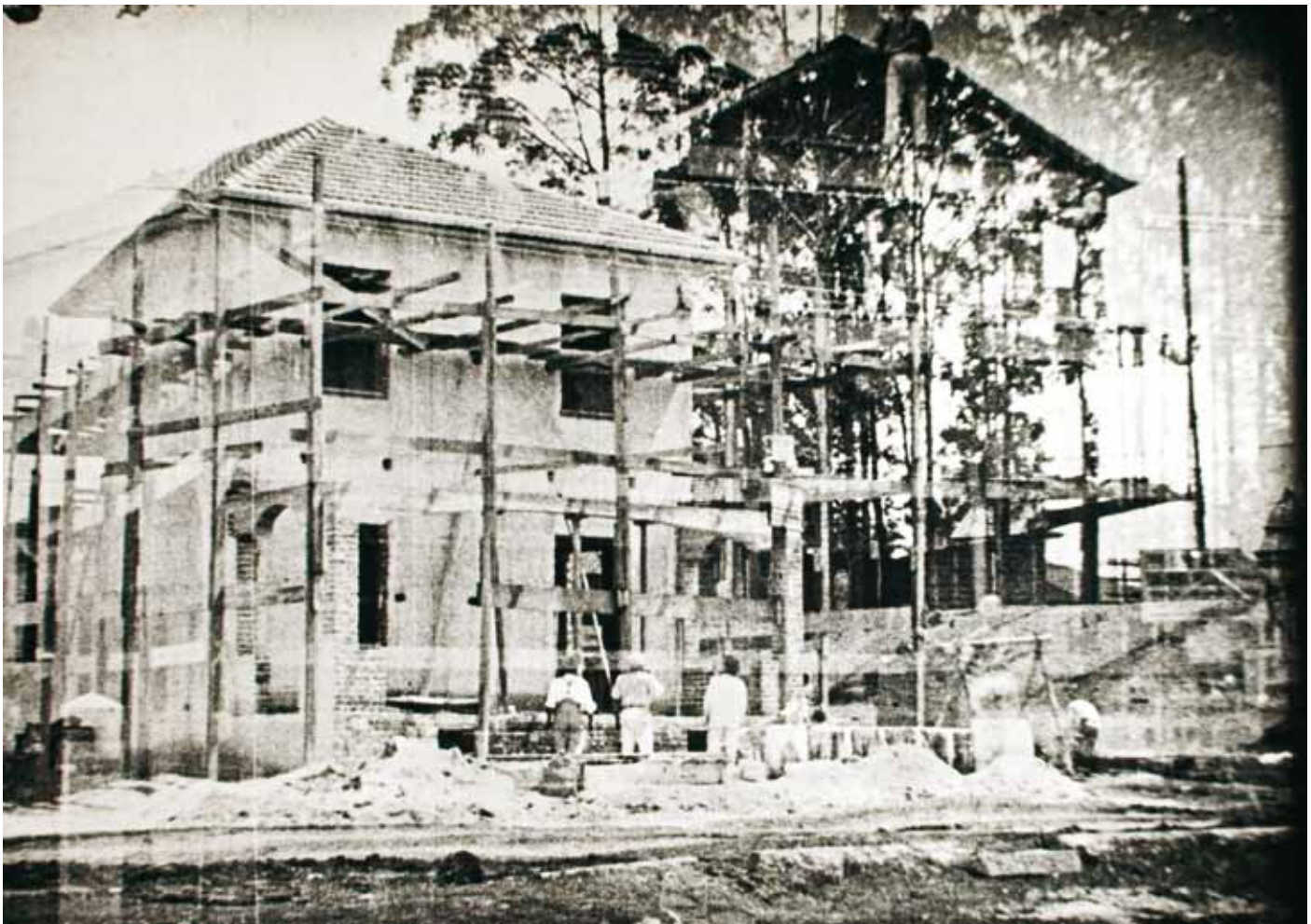
Em 1921, Gilberto Rossi conseguiu apoio financeiro de Washington Luís, então governador de São Paulo, e fundou a produtora Rossi Film. Nesse ramo, ele criou e produziu uma série de cinejornais que, sob o título de Rossi Actualidades, foi lançado na inauguração do Cine-Theatro República, permanecendo nas telas de cinema até 1931. A partir de seus documentários, o italiano traçou um importante registro da cidade de São Paulo. Em *Fazenda da Onça* (1920), as grandes propriedades rurais e o cultivo do café



entraram em cena. O filme, depois de retratar os animais e a provável dona da fazenda, mostra um homem ensacando café para iniciar os processos de lavagem e secagem. Em poucas cenas, Rossi registrou a base da economia paulista na época. Já em *Força Pública do Estado de São Paulo* (1925-1930), assiste-se a uma coletânea de reportagens sobre as atividades das autoridades civis, militares e eclesiásticas. Se a produção, por um lado, recorre frequentemente à palavra escrita sobre um fundo preto para contextualizar as cenas em andamento, por outro utiliza um primoroso retrato fotográfico, especialmente em imagens panorâmicas. Outra obra da Rossi Film que desperta curiosidade é *Instituto Butantan* (1926). Em cenas curtas aliadas a textos explicativos, o filme apresenta as fases de preparação do soro antiofídico no próprio laboratório da instituição, que até hoje está em funcionamento .

Além de documentários, Rossi também produziu muitos filmes de ficção de diferentes gêneros, do

drama (*Perversidade* - 1921) à comédia (*Carlitinhos* - 1921). Mas um título que sobreviveu ao tempo e pode ser classificado como a obra-prima do cineasta é *Fragmentos da vida* (1929), feito em parceria com o diretor brasileiro José Medina. Mais uma vez, o italiano usa São Paulo como centro de sua história. Na construção da capital paulista, “que cresce desafiando as nuvens”, um trabalhador cai de um andaime e, à beira da morte, pede ao filho para seguir o caminho da honestidade. A trajetória desse filho sustenta o enredo. Mas o que mais chama atenção é sua forma. Essa película do cinema silencioso é um exemplo bem marcado do uso consciente das regras de continuidade, que, posteriormente, se convencionou chamar de cinema “clássico-narrativo”. “Após quinze anos de ingente esforços, vejo, em parte, realizado o meu sonho dourado: tornou-se um facto a cinematographia no Brasil”, divulgou Gilberto Rossi em um jornal da época.



Acervo Cinemateca Brasileira

Cena de *Fragmentos da vida* (1929), obra-prima de Gilberto Rossi feita em parceria com o diretor brasileiro José Medina

## “Assim como veio partiu, não se sabe pra onde”

*O cantor Lucio Dalla, falecido em março deste ano, foi autor de uma obra vasta e de êxito internacional*

Por **Natalia Horita**

**N**o icônico álbum “Construção”, de 1971, disco essencial da obra de Chico Buarque, destacam-se faixas como a homônima do título do LP, além de “Cotidiano”, “Desalento” e “Minha História”. Esta última, embora boa parte do público não saiba, é uma versão em português da canção “*Gesù Bambino*”, composição do cantor e instrumentista italiano Lucio Dalla, na qual se conta a história de uma mãe solteira e seu envolvimento com um homem misterioso. Um dos versos da música diz: “ele assim como veio partiu não se sabe pra onde”. Foi o que aconteceu com Dalla no dia 1º de março deste ano, pouco antes de comemorar seu 69º aniversário, quando sofreu um ataque cardíaco enquanto estava de passagem por Montreux, na Suíça, para um show que marcaria o início de uma nova turnê pela Europa.

Aos 68 anos, Dalla, embora menos conhecido aqui do que lá fora, deixou no Brasil sua influência, como se pode observar na obra de Chico Buarque. Nascido em 4 de março de 1943, em Bolonha, cidade ao centro-norte da Itália, e capital da região da Emilia-Romagna, o músico acumulava, entre suas competências instrumentistas, habilidade para tocar clarinete, teclado, acordeão, saxofone e piano, entre outros. O caráter repentino do acidente que o acometeu se amplia em contraste com a disposição e o entusiasmo que Dalla exibiu duas semanas antes da fatalidade, quando embalou a plateia do Festival de Canção de Sanremo ao cantar o sucesso *Nani*.

Sobre a morte do compositor, o presidente da Itália, Giorgio Napolitano, escreveu, em mensagem de pêsames à família, que “Dalla tinha uma voz original e forte, que contribuiu para renovar e promover a música italiana ao

redor do mundo”. Napolitano também enfatizou o quanto Dalla era reconhecido em seu país: “Ele era um artista amado por muitos italianos.”

### Vida e obra

Apesar de gostar de descrever seu gênero musical como “contaminado” por várias correntes, é notável a preponderância que o jazz teve na sua carreira, influência provavelmente adquirida ao tocar ao lado do trompetista americano Chet Baker, quando tinha apenas 16 anos. Prova incontestável é a música “Tania del Circo”, do disco *Bugie*, de 1985, que contempla quase cinco minutos de muito sax e piano.

A carreira, iniciada em meados da década de 60, deslanchou somente dez anos depois, quando o músico abraçou a vocação para canções anticonformistas, que retratavam uma geração pós-guerra cansada de tolerar problemas sociais. A partir daí, integrou o time dos chamados “cantautoris”, fusão das palavras “cantor” e “autor”, tradição fortemente presente na Itália e representada por nomes como Fabrizio de André e Gino Paoli. Pelo terreno social que sua música passou a trilhar, sofreu embates com o governo italiano e chegou a ter algumas travas com a censura. “*Gesù Bambino*”, por exemplo, foi um título que, acompanhado de uma letra que sugeria que a mãe de Cristo seria uma prostituta solteira - uma afronta aos ensinamentos cristãos - teve de ser trocado para 04/03/1973, data de nascimento do compositor, para que escapasse da censura e pudesse ser veiculada nas rádios. A canção rendeu a Dalla o terceiro lugar na competição do Festival de San Remo de 1971. Foi esse tipo de atitude que conquistou as gerações italianas que viriam dali para frente.

Entretanto, foi a música *Caruso*, do álbum



*Dall'AmériCaruso*, de 1986, que fez a fama de Dalla extrapolar os limites italianos e percorrer o mundo inteiro. Na voz de Luciano Pavarotti, a gravação da faixa que remete aos últimos dias de Enrico Caruso e presta homenagem ao tenor vendeu 9 milhões de cópias, alçando Dalla ao rol de compositores internacionalmente conhecidos. A mesma música figurou no repertório da primeira turnê mundial do cantor Andrea Bocelli, reforçando ainda mais o sucesso do compositor italiano. Julio Iglesias e Zizi Possi foram outras vozes responsáveis por reproduzir o hit de maior sucesso de Dalla, que compôs em uma turnê pela Europa, Estados Unidos e Canadá por conta de *Caruso*.

Sua produção musical passou por diversos estilos, tendo o compositor se entregado ao *beat*, à experimentação musical com instrumentos múltiplos, ao jazz, ao reggae, na música *Attenti al Lupo*, ao *folk* e à ópera, no começo de sua carreira, que contabilizou 25 discos em um período de quase cinco décadas. Em 1992, durante sua passagem para uma apresentação no Brasil, comentou que conheceu Chico Buarque no autoexílio do brasileiro na Itália. “Eu e o Chico morávamos muito perto na Itália, e sempre nos reuníamos na casa do Toquinho. A música dele e de outros brasileiros, como Milton Nascimento e Caetano Veloso, me influenciou muito”, afirmou na ocasião.

O compositor também se aventurou por outros campos artísticos, explorando o cinema, para o qual emprestou algumas músicas de sua autoria, a literatura, tendo escrito alguns pequenos contos,



Divulgação

**Além de ser autor de tantas canções, Dalla era um exímio instrumentista: tocava clarinete, teclado, acordeão, saxofone e piano**

e até arriscou uma participação tímida em um filme dos irmãos conterrâneos Paolo e Vittorio Taviani, de 1967: *Os subversivos*.

Nem só de música viveu Dalla: fã declarado do time Bolonha, recebeu uma homenagem póstuma do clube, que adiou uma partida para não atrapalhar o funeral daquele que, entre livros, discos e cinema, suspendia a paixão por obras intelectuais para vibrar pelo time do coração.

# Italiano, flamenguista e retratista do cotidiano

*Aos 87 anos, Lanfranco Aldo Riccardo, o Lan, é um artista ítalo-uruguaio de alma carioca, que representou as mulatas do nosso samba e o futebol em caricaturas históricas*

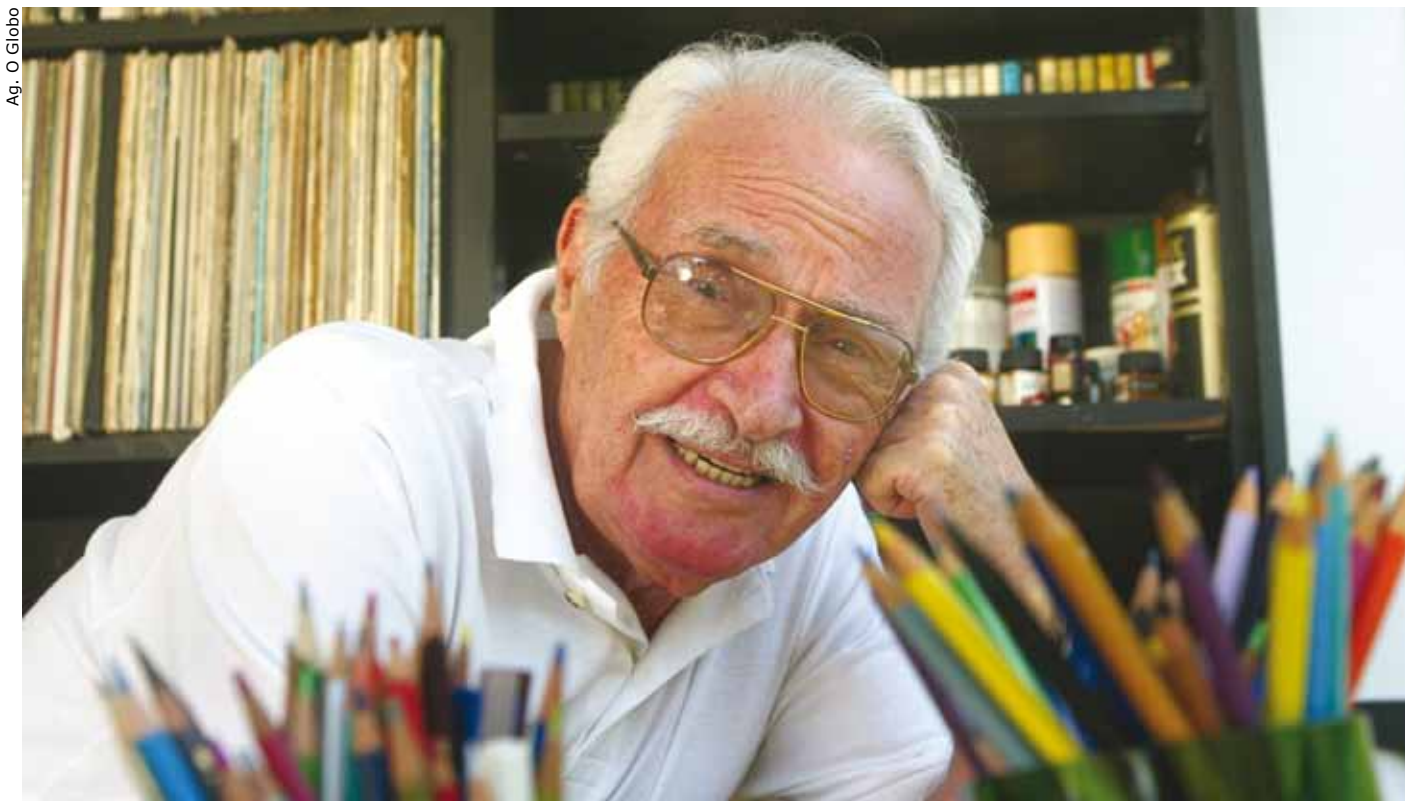
Por Isabella D'Ercole

**E**m 1929, o navio italiano Dulio aportava em Santos. Depois de treze dias de viagem, nove deles enfrentando uma brava tempestade, a família Vaselli Rossi chegava ao Brasil. Aristides, Irma e seus dois filhos, Giuseppe e Lanfranco, deixavam o povoado de Montevarchi, região entre Arezzo e Florença, na Itália, para começar uma nova vida por aqui. O pai abandonara o emprego de gerente na fábrica de chapéus La Familiare, fundada pelos pais de Irma, e concorrente da famosa Borsalino. Seu sonho era ser músico, e já tocava o oboé divinamente. Mas, quando se apaixonou pela mulher que se tornaria sua esposa, o sogro o

fez largar as artes para se dedicar aos negócios da família. Negou convites para a Sinfônica de Nova York, esqueceu-se dos estudos no Conservatório de Florença, tudo pelo amor. Depois do casamento, resolveu contrariar o sogro e aceitou o convite para tocar na Sinfônica de São Paulo.

Enquanto ele passava os dias nos ensaios, Irma era professora de turmas do Ensino Fundamental no Colégio Dante Alighieri. Giuseppe, com 6 anos, ia para escola, e Lanfranco, com 4, ficava em casa. “Minha babá era a Zezé, a segunda mulher mais especial da minha vida, só atrás da minha mãe. Foi a primeira mulata que eu vi, achei Zezé belíssima

**Depois de caricaturar o diretor da escola em que estudava, Lan recebeu de um professor uma tarefa que seria fundamental em sua vida: desenhar todos os funcionários da escola sem olhar para eles. “Foi uma das lições mais valiosas da minha carreira. Na memória, fica apenas a característica mais marcante, assim como deve ser a caricatura”**

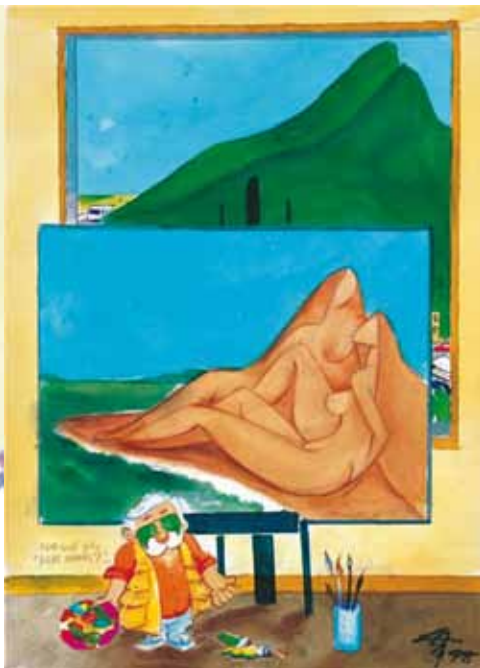


Ag. O Globo





**O próprio Lan é personagem de algumas de suas obras, além de tudo de que ele mais gostava na cidade que elegeu para viver por anos: “Não tinha esse monte de prédios de concreto e trânsito. Eram vilas, as mulheres eram maravilhosas, sedutoras, principalmente as mulatas. Caí no samba e na boemia do Rio de Janeiro”**



logo de cara. Criamos laços muito fortes. Ela era carinhosa e eu me apeguei. Mantivemos o contato por anos, até mesmo quando minha família se mudou para o Uruguai. Todo ano, no dia do meu aniversário, ela me mandava balas de coco, meu doce favorito”, conta Lan. O menino também gostava das melodias cantadas por Zezé, sambas da época.

Eram tempos conturbados politicamente e a família passou por situações adversas. Lan se lembra do dia em que explodiu a Revolução de 1930. O comércio foi fechado e ninguém saía na rua. Irma estava preocupada, pois não tinha comida em casa para servir o jantar da família. A heroína da noite foi a cadelinha de Lan, que roubou o jantar – uma galinha – do quintal do vizinho. “Foi a única vez que agradecemos as atividades ilícitas da cadelinha. Certa vez, ela roubou uma peça gigante de mortadela da loja de frios e minha mãe teve que pagar”, diz, se divertindo com o episódio. Lan guarda boas lembranças da mãe, uma mulher bonita e muito firme nos ensinamentos aos filhos. “Quando eu tinha 6 anos, ela me disse que eu deveria fazer sozinho o máximo de coisas que pudesse. Foi assim que criei minha independência”. Irma também ensinou o filho a arrumar a cama. Lan revela que até hoje, 81 anos depois, continua arrumando a cama todos os dias, até mesmo quando dorme em um hotel.

O clima tenso no país motivou Aristides a aceitar

um emprego na Sinfônica de Montevideu e, no ano seguinte, a família mudou-se novamente. Ficaram quatro anos ali e depois foram para Buenos Aires, porque Aristides tocava em uma orquestra de lá. Foi na capital argentina que Lan teve a primeira paixão de sua vida, Marinela Sinibaldi. A colega de sala loirinha de olhos azuis o fascinava. Em pouco tempo, passou de melhor a pior aluno da sala. “Não conseguia tirar os olhos dela.” Um dia tomou coragem e entregou à menina um envelope com uma foto sua e um bilhete. Marinela, menos sentimental, rasgou os papéis e jogou-os no lixo. “Meu coração ficou despedaçado. Virei um Don Juan covarde, jamais agia se não tivesse certeza que ouviria um ‘sim’ em retorno.”

Em 1937, Lan deixou o primeiro

amor para trás e voltou com a família para Montevideu, novamente por conta do trabalho do pai. Foi aos 15 anos, no colégio alemão em que estudava, que apareceram seus dotes artísticos. “Eu nunca fui um menino prodígio. Aliás, quem gostava de desenhar era meu irmão, mas ele era muito ruim.” A primeira vítima dos traços de Lan foi o professor de química, com quem ele tinha uma péssima relação. “Um dia, naturalmente, fiz a caricatura dele”, explica. Os amigos gostaram tanto que pediram mais desenhos. Lan caricaturou todos os professores. Depois, na aula de artes, o professor pediu para cada aluno fazer um desenho. Lan caricaturou o diretor da escola, um alemão magricela e com orelhas de abano. “O professor ficou tão impressionado que me liberou da aula de artes e me deu uma tarefa: desenhe todos os funcionários da escola, mas só pela imagem da memória, sem olhar para eles. Foi uma das lições mais valiosas da minha carreira. Na memória, fica apenas a característica mais marcante, assim como deve ser a caricatura.”

O primeiro trabalho profissional veio alguns anos depois, em 1945, no jornal *El país*, o maior de Montevideu. Lan era cartunista da área de futebol, seu esporte favorito. Na época, acompanhava o time do Nacional de Montevideu e admirava o jogador brasileiro Domingos da Guia. Ao assinar sua primeira caricatura, se deparou com um desafio: em casa e com os amigos, seu apelido



**Lan caricaturou muitos personagens do mundo do samba e da MPB. Alguns de seus desenhos se tornaram capas de álbuns. Acima, Noel Rosa e capas dos álbuns de Dorival Caymmi (de 1957), Candeia (de 1988) e Leny Andrade cantando Nelson Cavaquinho (de 1995)**

era Franco. Mas a associação ao nome do ditador espanhol não era nada bem-vinda, e Lanfranco, para ele, era muito grande. Foi então que um amigo, lembrando-se de uma situação engraçada, meses antes, assinou “Lan” no papel. “Não gostei nada na hora, mas pegou, deu sorte”, confessa. O amigo havia recordado a história de uma moça com quem Lan tinha tido um rápido romance. Ela havia escolhido o apelido, mas o rapaz não gostara desde o começo. “Hoje em dia, eu prefiro. Gosto de coisas curtas, simples, para que complicar? Se pudesse, morava na rua Itu, número um. Assim, sem me prolongar. Por isso, Lan é suficiente”, acredita.

Suas caricaturas se espalharam e em pouco tempo ele foi convidado para fazer sua primeira exposição, em Punta Del Este, em 1948. A curadora era a esposa do dono de um clube de campo, uma madame riquíssima. Lan aceitou o convite, embora contra a vontade do pai, que não queria que o filho abandonasse as aulas na faculdade de arquitetura. Chegando lá, no começo de fevereiro, percebeu que

a exposição não aconteceria. “Ela e o marido tinham brigado muito feio e ela nem boa-noite me deu”, lembra-se. Arrasado e humilhado, ligou para um amigo e montou uma exposição improvisada no cassino do hotel onde estava hospedado. Quase ninguém dava atenção aos quadros, mas Lan não desistiu. Na noite do dia 18 de fevereiro, seu aniversário, encontrou alguns conhecidos de infância que o levaram para uma festa. Lá, fez mais contatos e passou a vender suas caricaturas. Percebeu que poderia se sustentar assim. A viagem durou muito mais do que devia – Lan só voltou para casa em março.

Depois do retorno, ficou pouco tempo em Montevideu. Percebeu que seu lugar era Buenos Aires, cidade que estava borbulhando: a ditadura estava no auge, mas as reações culturais contrárias a ela também. Durante sua estadia em Punta Del Este, havia conhecido Guillermo Divito, fundador da revista argentina humorística *Rico Tipo*, e resolveu arriscar. Levou até ele seus desenhos, mas só encontrou portas fechadas. Voltou a desenhar por encomendas ou nas portas de bares. Nessas aventuras, fez bons contatos, como Emilio Rubio, diretor da editora Heines. A proposta de emprego veio

pouco tempo depois. Aos 23 anos, Lan trabalhava em cinco revistas e dois jornais renomados.

Mas o país vivia momentos tensos. A ditadura deixava o clima da cidade pesado. E os jornalistas, especialmente, sofriam muita pressão.

Em 1953, aos 28 anos, cansado da vida de rotina, Lan pediu três meses de férias. Queria fazer um roteiro ousado. Começaria pelo Rio de Janeiro, depois iria a Nova York, seguida de New Orleans (uma de suas cidades favoritas no mundo), Los Angeles, Cidade do México, Lima, Santiago e, finalmente, chegaria novamente a Buenos Aires. Mas, no primeiro destino, estancou. Foi amor à primeira vista com a cidade carioca. “Não tinha esse monte de prédios de concreto e trânsito. Eram vilas, as mulheres eram maravilhosas, sedutoras, principalmente as mulatas. Caí no samba e na boemia do Rio de Janeiro.”

Samuel Wainer, fundador do jornal *Última Hora*, já conhecia o trabalho de Lan, pois acompanhava os jornais e as revistas argentinos, e o achava inteligente e perspicaz. Convidou-o para fazer



parte da equipe do jornal. Foi lá que Lan fez algumas de suas mais famosas caricaturas. A política no Brasil estava em polvorosa com a batalha entre pró-getulistas e aqueles que eram contra o então presidente. Em 1954, morreu Nestor Moreira, repórter policial do *Última Hora*, assassinado pela polícia. Carlos Lacerda, opositor de Getúlio, foi ao velório para mostrar sua insatisfação com o governo. Segundo Wainer, ele nem sequer conhecia a vítima, portanto, tratava-se de jogo político. Para reforçar essa impressão, pediu a Lan que desenhasse uma imagem que demonstrasse a situação proveitosa de Lacerda. Foi então que Lan criou “o Corvo”, figura sombria e enigmática, e que se tornou um clássico de sua obra.

O caricaturista trabalhou ainda na revista *Flan*, com Otto Lara Resende, Vinicius de Moraes, Hélio Pellegrino e João Cabral de Melo Neto. Em 1962, desenhou para o jornal *O Globo* e para o diário *O Estado de S. Paulo*. Depois, foi para o *Jornal do Brasil*, em que trabalhou por 39 anos.

Em 1957, depois de tomar muita coragem, começou a namorar Olívia, uma das Irmãs Marinho, trio famoso de dançarinas das décadas de 1950 e 1960. “Eu tinha medo de me aproximar da Olívia. Minha imagem era de festeiro e não queria que as pessoas fizessem fofocas e inventassem falsos boatos sobre ela. Foi o Haroldo Costa, marido da irmã de Olívia, Mary, que me convenceu a investir na relação. Ele me convidava para os churrascos da família, para as festas e, assim, me aproximei.” Lan conta que, apesar de ela ser bailarina, só dançou com Olívia uma vez na vida. Foi no primeiro encontro dos dois, em uma boate do Rio de Janeiro. Lan, acostumado aos salões de tango, achava que sabia dançar. Olívia era sambista de escola de samba, dançava gafeira como profissão. Tentaram harmonia na dança, sem sucesso. “Ela queria mandar na coreografia. Foi então que me disse: ‘Lan, olha o ritmo’. Isso foi o fim para mim. Sentei e falei que jamais dançaria

novamente com ela. Cumprí minha palavra. Danço com as irmãs, mas não com Olívia.” Os dois acabaram se casando em 1960. Desde então, ele adotou um lema: “Não acredito em casamento, acredito na Olívia.”

Cansado do Rio de Janeiro, que crescia, e já sentindo necessidade de viver em um lugar mais tranquilo com a esposa, Lan mudou-se para Petrópolis, região serrana do estado. Continua trabalhando. Tem dois livros publicados em parceria com o cunhado Haroldo de Costa (“As escolas de Lan: é hoje!”, editora Vitale, 1978, e “As escolas de Lan”, releitura patrocinada pela Petrobrás, de 2002). Faz caricaturas e charges ocasionais no jornal *O Globo*, desenha situações cotidianas cariocas e as belas mulatas (suas eternas musas). Além disso, faz exposições pelo país e pelo mundo: as duas últimas foram em Salvador e Fortaleza. Em seu projeto mais recente, dedica-se a esculturas de bronze. Em 2012, comemora 50 anos vivendo no estado do Rio de Janeiro, sempre como fiel torcedor do Flamengo.



Divulgacao

**“O Corvo”, um clássico da obra de Lan, representando o jornalista Carlos Lacerda. Ao lado, as paixões de Lan sempre presentes em suas caricaturas: o carnaval, o Flamengo, as mulatas e o samba**



# O figo-da-índia em São Paulo (crônica do meu tempo)

por José de Oliveira Messina  
Presidente no Centenário do Colégio Dante Alighieri

Ilustração: Salvador

**N**os idos de 1945, participava como conviva de nossa mesa, às quintas-feiras, – com *“fusilli con pomodoro”*, *“carciofa ripiena”*, *“asparaci u frumaggiu”*, *“mulignane fritte”*, *“pisci u furnu”*, e tantas outras iguarias preparadas por mamãe Amélia (na casa onde residíamos, na Alameda Franca, 1.225, no Jardim Paulista) – um dileto amigo de papai Salvador, chamado Caetano Seppe.

Este senhor, já idoso, com bigode e cavanhaque (com a vírgula) nevados, em parte caramelados, tinha ainda um porte elegante. No rosto, sempre um sorriso que ornava com sua face colorida, de um rosa suave, a contrastar com as fartas sobrancelhas que encimavam olhos azuis vivos e inteligentes. O cigarro de palha, que preparava, era seu companheiro e responsável pela nicotina que amarelecia seus dedos e pelos faciais.

O perfume que usava era natural: o cravo vermelho da lapela, no jaquetão escuro, lhe dava o sinal de um nobre cidadão.

No inverno, agasalhava-se com um cachecol branco e com um sobretudo pesado.

Como se iniciara aquela amizade?

“Seu” Caetano, como era conhecido, e seu irmão mais velho comerciavam em placas de cartão para embalagens, com depósito e moradia na Avenida Washington Luiz, próximo à Estação da Luz.

Papai Salvador, chegado da Itália à cidade de São Paulo no ano de 1920, estabelecera-se no

Bixiga, variando o endereço em diversas ruas do bairro. Nos idos de 1928 – quando nasci – possuía na Rua Aurora (ainda com lampiões a petróleo, e posteriormente a gás) escritórios e grandes armazéns, que estocavam mercadorias importadas. Lembro-me perfeitamente de que, nas festas do fim do ano, chegavam do porto de Santos as sacarias contendo nozes, avelãs, amêndoas; vinham também as caixas com figos secos, com atum em lata, o famoso “óleo Sasso”, sem falar nos quartolas (tonéis) de vinhos sicilianos, estes expedidos pelo produtor, meu avô paterno, Leonardo Messina.

Toda manhã, por volta das seis horas, quando papai se dirigia ao seu trabalho, passava diante do tradicional negócio de “seu” Caetano e, por cinco ou dez minutos, falavam sobre as novidades.

Ambos, originários da Itália, sempre tinham o que lembrar das respectivas infâncias.

Com o tempo, a amizade se consolidou de tal maneira que já trocavam saudações matinais diferenciadas. Usando dialetos ao sabor de brincadeira, “seu” Caetano saudava papai, dizendo: “Cucudrighiu” (Crocodilo); e, de papai, ouvia: “A carutu du lietu” (“Caiu da cama”); ou seja, para bom entendedor, o crocodilo acorda cedo, e o homem que cai da cama também acorda cedo. Ambos se divertiam com os referidos tratamentos. Ambos eram espirituosos.

O garibaldino Caetano, como ele gostava também de ser chamado, apreciava muito as

idades interioranas paulistas. Viajava muito para Cunha, onde alguns amigos o acolhiam nas visitas que fazia. Lá, um de seus passatempos era a caça de perdizes, que, em bando, desciam dos altos pinheiros para se alimentarem dos frutos caídos por terra. Localizada no Vale do Paraíba paulista, a cidade fora palco, em 1932, de sangrentos combates, e era procurada por vicultores pela qualidade da terra e também por seu clima excelente.

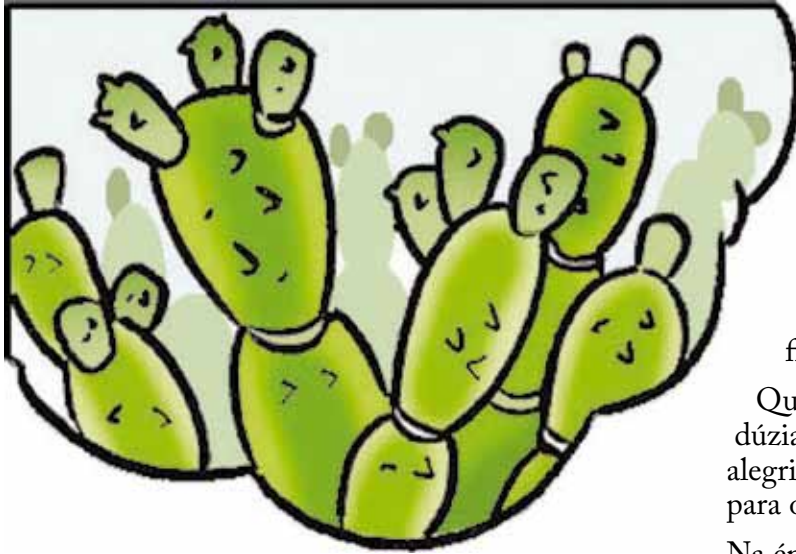
Um dia, porém, vagando pelas vizinhanças da casa onde se hospedava todo ano por cerca de um mês, notou a existência de um pé de figo-da-índia. A princípio, teve dúvidas sobre a descoberta feita; contudo, posteriormente, atentou melhor para o achado. Os grossos galhos e folhas oleosas gigantes trouxeram-lhe à memória os cactos da sua terra de origem, pequena cidade nos arredores de Nápoles. Toda dúvida dissipou-se quando, na florada, despontaram aqueles frutos espinhosos, de tonalidade verde, que iam crescendo. Eis que

se tornaram amarelados, atraindo algumas abelhas que pousavam na extremidade mais grossa do figo, de onde se via escapar um fio gelatinoso. Não teve escrúpulos: abriu o canivete, que sempre portava para picar o fumo, munuiu-se de um pedaço de folha de bananeira, abraçou o fruto para não ser espinhado e, com cortes nas extremidades, rasgando-lhe depois longitudinalmente o abdome, desvendou a raridade, que absorveu como se fora um doce, sentindo na boca os pequenos grãos inseparáveis, que devem ser deglutidos corajosamente. Tudo isso se passou, disse-nos “seu” Caetano, sem que houvesse testemunhas.

Porém, como era uma pessoa altruísta, resolveu fazer uma surpresa para os amigos “caipiras” – assim se referia – e preparou um prato com meia dúzia do precioso fruto, naturalmente sem as cascas, cujos minúsculos espinhos poderiam, se penetrassem a pele, produzir alergia, se não mesmo febres altas.

Ocorreu que os anfitriões gostaram daquela





novidade, que jamais haviam saboreado, pedindo mais ao convidado.

“Seu” Caetano ficou numa situação muito incômoda. Se dissesse que a mina estava próxima deles, o estoque logo terminaria.

Contou aos amigos, então, que o tal fruto poderia ser encontrado a muitas léguas dali, exigindo caminhadas de burro por dois a três dias. Logo bateu o desânimo entre eles, que não tinham sequer ideia da perigosa casca que cobria o fruto.

Logo, entretanto, veio a pergunta:

– “Seu” Caetano, quando é que o senhor irá para aquelas paragens?

– Não se preocupem, provavelmente amanhã partirei para o sertão.

Era madrugada quando, preparando o burro com todos os cuidados para a longa viagem, “seu” Caetano se despediu dos amigos e partiu lentamente pela estrada de terra batida.

“Seu” Caetano aproveitou a oportunidade e foi até uma pequena cidade vizinha onde o fumo de corda era bom e barato. Ali, permaneceu três dias, também na companhia de velhos amigos imigrantes, e vagarosamente retornou.

Procurou chegar de madrugada, sem que ninguém o visse. Logo foi ao pé de figo-da-índia e colheu uma dúzia de frutos, que colocou, já sem casca, em um prato.

Por volta das oito horas da manhã, tomou assento na praça central do lugarejo e foi assediado pelos

companheiros, que desejavam saber do êxito da viagem.

Aparentando cansaço, narrou-lhes as dificuldades enfrentadas, até um assalto que sofrera numa emboscada quando lhe subtraíram os rolos de fumo que pretendia negociar.

Esse fato não perturbou a meia dúzia de ouvintes, que realmente queriam saber se os figos haviam chegado sãos e salvos.

Quando “seu” Caetano lhes informou que uma dúzia de figos já estava preparada na sua casa, a alegria foi geral e todos se dirigiram, já salivando, para o cobiçado festim.

Na época das visitas do “seu” Caetano à nossa casa, os figos-da-índia também não eram muito conhecidos na capital. Mas papai sabia que, no Mercado Central, de vez em quando apareciam algumas pequenas caixas deles.

Assim, numa famosa quinta-feira, “seu” Caetano encontrou, na nossa mesa, os tais figos – “*senza la bìuccia*”, sem casca, bem fresquinhos, pois mamãe, informada por papai sobre os riscos que apresentava o fruto da família dos cactos, os havia colocado na geladeira refrigerada a blocos de gelo (que eram entregues, em domicílio, pelo caminhão da Antarctica) – e se refestelou...

Papai, por ser natural da Sicília, conhecia bem o artigo que brota no meio das pedras em meio aos penhascos voltados para o mar, notadamente na zona de Taormina, localizada entre Catania e Messina.

Essa surpresa estreitou ainda mais os laços daquela indestrutível amizade, que se estabeleceria também com outras famílias italianas, entre as quais a dos Pucci, cuja residência na Avenida Paulista chamava a atenção pelos canteiros de rosas, e onde o jovem Miguel Reale namorava Filomena Pucci, sua colega de turma no Colégio Dante Alighieri. As visitas que Caetano fazia ao patriarca José Pucci eram realizadas às quartas-feiras, ocasião em que jogavam baralho com cartas italianas, e ele recolhia o cravo, no jardim especial de cravos carinhosamente cuidado por Pucci, que durava uma semana na lapela do seu casaco.

Quando “seu” Caetano faleceu, descansou portando a farda de combatente garibaldino.




# 18 Anos de Tradição


Um Clássico Italiano Paulistano

PAZIO



Rua Horácio Lafer 533, Itaim Bibi  
Delivery: 3078 0028 tel: 3078-5775

 [facebook.com/spaziogastronomico](https://facebook.com/spaziogastronomico)

 [twitter.com/spaziogastro](https://twitter.com/spaziogastro)

# Clichês italianos

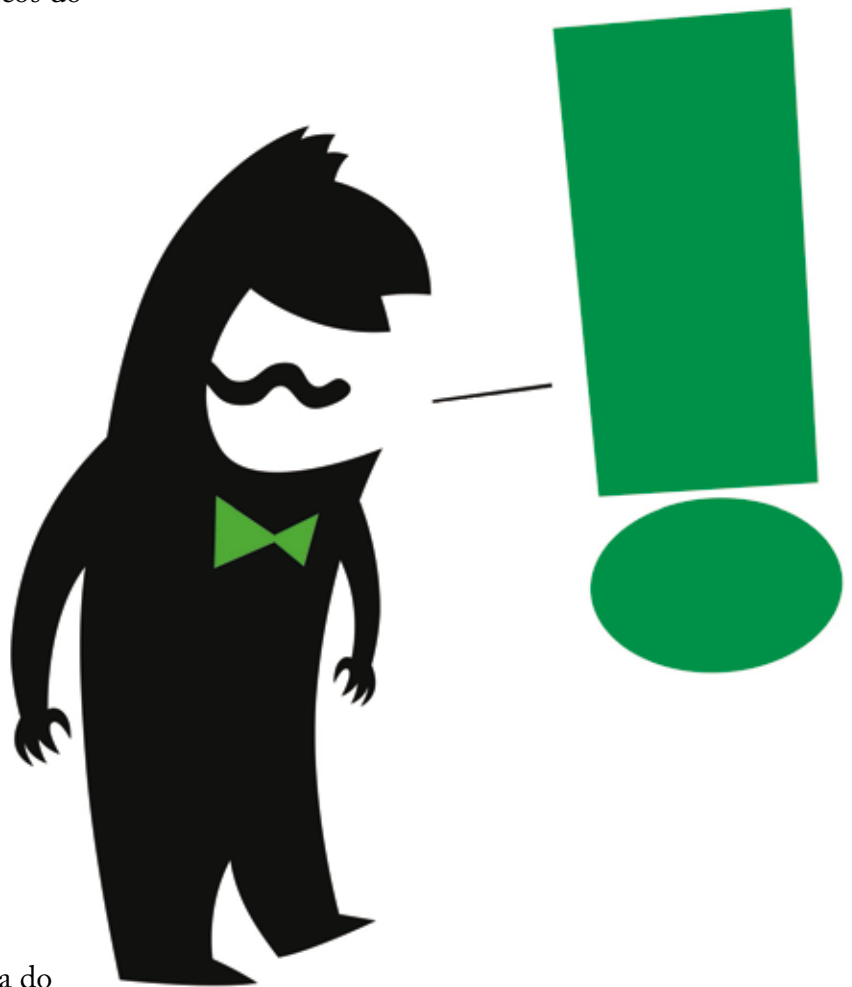
Por Laura Folgueira

Ilustração: Milton Costa

**É** fácil abrir a boca e deixar sair um monte de estereótipos e clichês quando estamos falando sobre a Itália. “Os italianos são muito expressivos, adoram conversar e falam não só gesticulando, mas muito alto e o tempo todo.” “Os italianos são galanteadores; adoram olhar para moças bonitas que passam na rua.” “A comida italiana é farta, sempre ótima e cheia de molhos (de preferência, de tomate)”. “As cidades italianas são museus a céu aberto, cheias de prédios e descobertas arqueológicas por todos os lados.” “É um dos países mais românticos do mundo.”

Era essa infinidade de conceitos que eu tinha na cabeça na hora em que desembarquei no aeroporto de Veneza – a tal da cidade mais romântica e pitoresca de um dos países mais românticos e pitorescos do mundo. Foi lá, ainda no aeroporto, que comecei a desvendar o primeiro clichê italiano: cadê o romantismo? Chegar à cidade pode se tornar um processo digno dos infernos de Dante: andar com malas pesadas até o rio, comprar um bilhete para um dos *vaporettos*, esperar o horário de saída e, aí, balançar muito e com lentidão até chegar à ilha. Descer do barco e, ainda carregando malas pesadas, atravessar dezenas de pequenas pontes e escadarias até chegar ao seu destino – quando, então, você estará provavelmente suando em bicas e enjoada do balanço das águas. Parece romântico? Não é. Mas, descansada e bem instalada (num pequeno

hotel onde homens italianos gesticulam e falam alto ao mostrar o quarto), começo a descobrir o segredo: só se descobre Veneza andando pelas suas vielas, tomando barcos para ir a outras partes, atravessando ainda mais pontes, perdendo-se pela ilha sem saber voltar. Aí, um clichê se torna verdade: uma vez acostumados a andar sobre a água,



a cidade vira realmente especial, numa melancolia bonita e sincera que não encontrei em outro lugar do mundo.

Outra verdade é que, bem, os italianos realmente são muito expressivos – e cheios de senso de humor. Uma pequena e insuspeita pizzeria escondida em uma viela de Roma, por exemplo, tem um sistema peculiar de espera por mesas: os clientes gritam em máximo volume ao *maitre* (que também é o dono do lugar) “*Tavolo per cinque!*”, e recebem de volta outro grito: “*Dieci minuti!*”. Tudo isso estando a dez metros de distância uns dos outros – lá dentro dava para divisar

garçons apressados entregando pedidos em mesas com toalha xadrez. Ao me verem parada ao lado, sem conseguir entender nada, e tentando pedir uma mesa sem sucesso, todos caem na risada.

E o tal do museu a céu aberto... Ah, como Roma e Florença encarnam bem esse (lindo) estereótipo! Andar por uma avenida moderníssima, com muito trânsito, e ao fim dela dar de cara com o Coliseu é uma experiência tão bela e surreal quanto descobrir, no fim de uma pequena ruela florentina, uma praça monumental – literalmente, cheia de monumentos, estátuas e dois palácios medievais.

Passando esses palácios, um pequeno restaurante à beira-rio serve das melhores comidas que eu já experimentei – mas se engana quem imagina um prato de macarronada substancial, como faziam nossas *nonnas*. Um pequeno prato com seis raviólis recheados de queijo brie e pera fazem companhia para uma macia bisteca, tudo servido por um muito bem-humorado *signor*, fã do Brasil e dos clientes brasileiros.

Uma viagem à Itália é uma viagem de descoberta e reconfirmação. Enquanto entendemos a criação de alguns dos mais bonitos – e, às vezes, divertidos – clichês sobre um país, descobrem-se belas novidades, segredos escondidos por um povo que, como já imaginávamos, dominou a arte de viver bem.



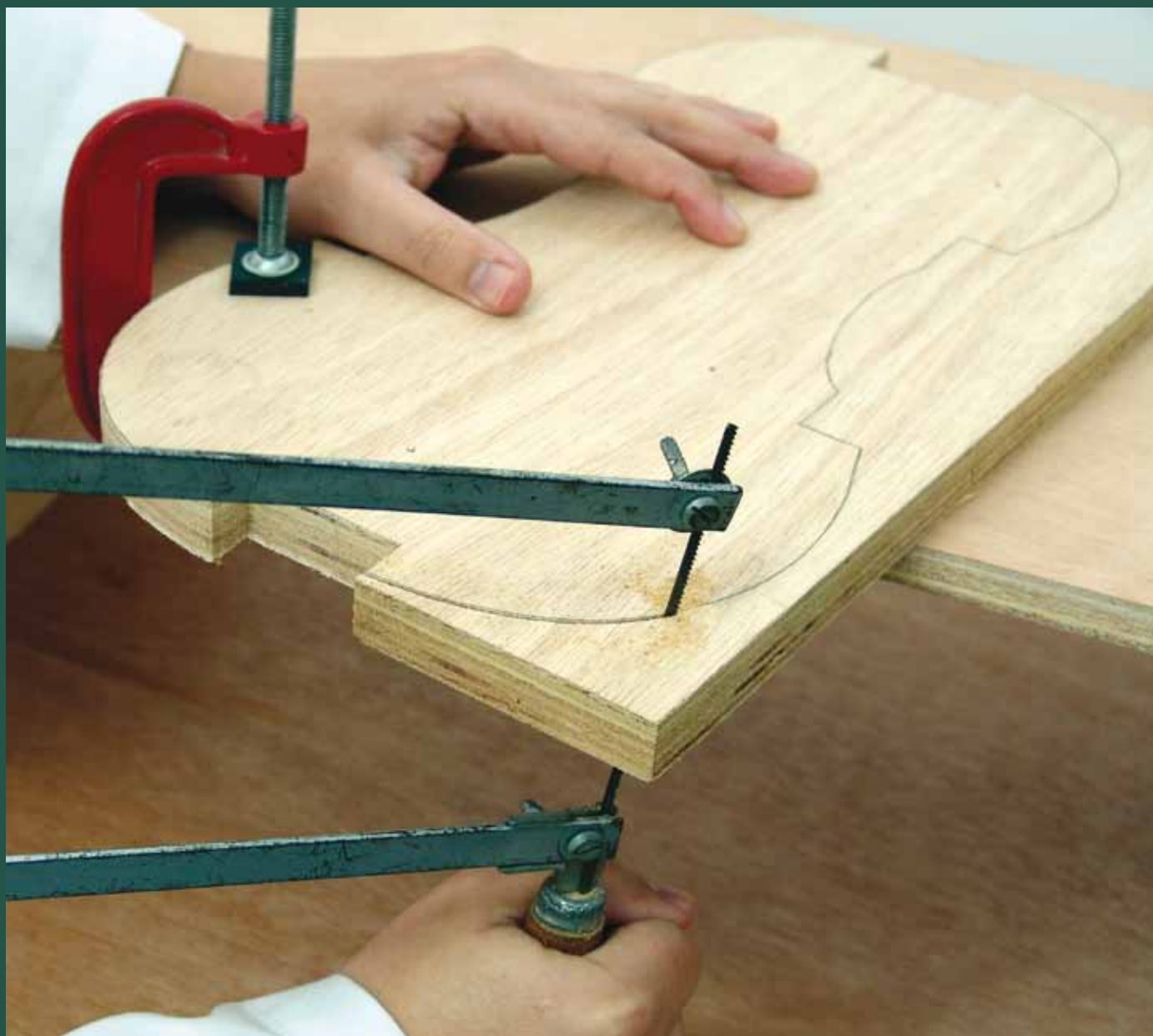


# Ensaio Fotográfico

Por Ivan Labussiere    Texto: Marcella Chartier

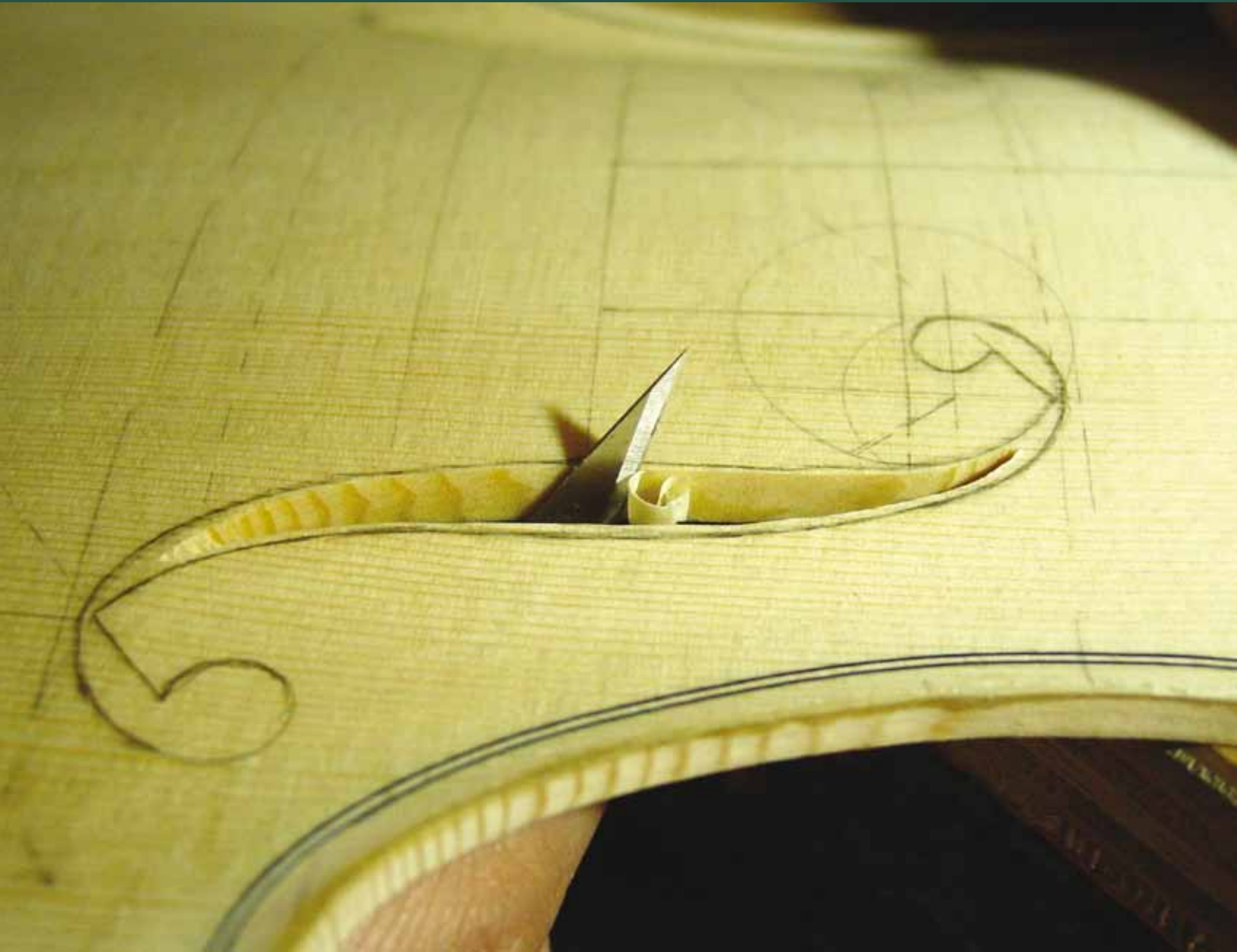
**A** arte da *lutherie* tem sua mais importante referência na Itália: Cremona, ao norte do país, na Lombardia, é a província-natal de Antonio Stradivari, *luthier* que viveu na região no século XVII e se tornou o responsável pelo que é considerado o melhor violino do mundo, o Stradivarius. O que pode ser considerado detalhe para os leigos é muitas vezes o que torna, para quem entende do assunto, um violino único. Além da aparência, das curvas perfeitas, elementos como a facilidade de execução, a potência e muitas outras características compõem o instrumento perfeito.

O brasileiro Ivan Labussiere começou na *lutherie* como autodidata e, com o incentivo de profissionais internacionais, acabou fazendo dela sua carreira. Chegou a participar de um curso em Cremona e conquistou a admiração de músicos e importantes *luthiers* de nosso tempo. Neste ensaio, fotos do próprio Ivan ilustram o passo a passo desse trabalho minucioso que é a construção de um violino.

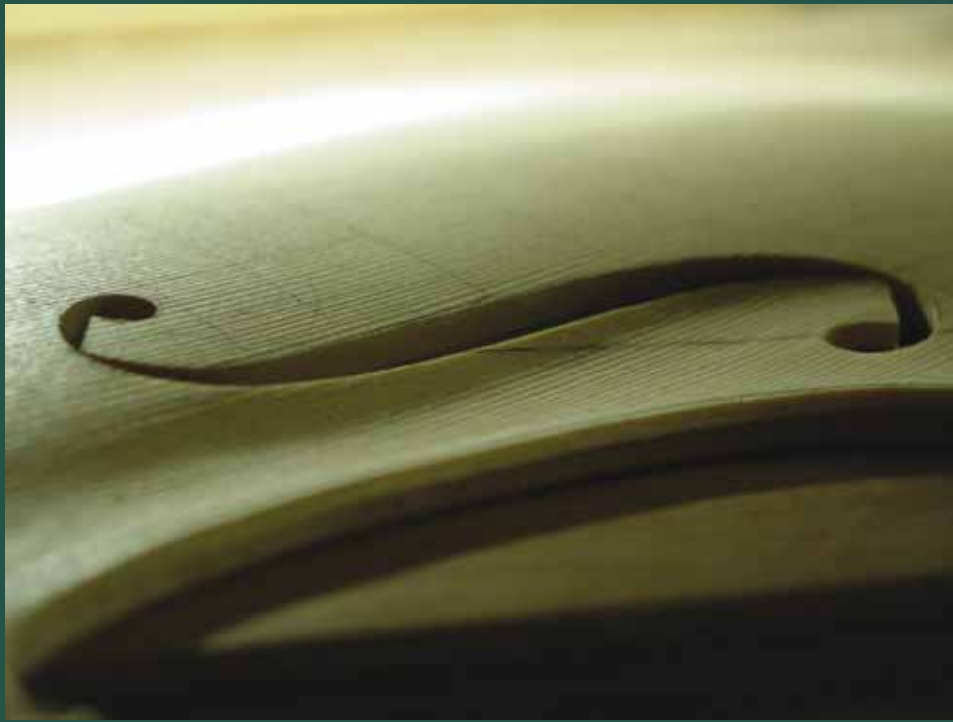


















**Atelier Ivan Labussiere**  
[www.atelierlabussiere.com](http://www.atelierlabussiere.com)  
tel. (11) 2675-9904



# Terra da pizza – mas também do *limoncello* e da *pastiera*

Por **Silvia Percussi** Fotos: **Tadeu Brunelli**

**A** gastronomia da Campânia é baseada sobretudo na abundante variedade dos seus produtos agrícolas e nas riquezas oferecidas pelo mar divino que banha a região.

Os cidadãos da Campânia (principalmente os napolitanos) estão sempre empenhados em inventar de tudo. Mas uma de suas mais famosas invenções em todo o mundo é, sem sombra de dúvida, a pizza, essa belíssima e saborosa receita considerada o símbolo universal da Itália.

A pizza não passa de massa de pão temperada com pedaços de tomate, orégano, sal, azeite, alho, e enfim assada rigorosamente em forno a lenha. Hoje em dia, é feita com milhares de variações e infinitos ingredientes novos. Existem até mesmo competições acrobáticas mundiais de pizza.

Na Campânia, vale destacar a cidade de Gragnano, onde se pode degustar a massa mais famosa da Itália, apreciada no mundo todo e exportada para vários países. Produzida com *grano duro* de primeiríssima qualidade, desenhada no bronze e seca com procedimento lento, ela mantém todo o sabor do trigo. E outro ingrediente essencial da pizza também existe por ali, em alta qualidade: entre as hortas da Campânia, encontramos os famosos e deliciosos tomates de San Marzano.

Outro destaque da região é a cidade de Vico Equense, considerada um paraíso gastronômico, onde se podem degustar vários produtos especialíssimos: o provolone *del Monaco*, os *caprignetti* (que são bolinhas de queijo de cabra

recobertas de ervas aromáticas) e os deliciosos embutidos de carne suína e bovina, como a linguíça e o salame de Nápoles, aromatizados com alho, vinho e casca de laranja, com um sabor levemente defumado.

O mar também dá excelentes contribuições à cozinha local, começando pelos moluscos com e sem conchas. O golfo de Nápoles fornece ótimos peixes, que podem ser cozidos de diversas formas. Na Costa Amalfitana, um dos litorais mais belos do mundo, merecem visita Furore, Ravello e Tramonti – locais pitorescos e centros de

---

*“(...) destaque da região é a cidade de Vico Equense, considerada um paraíso gastronômico, onde se podem degustar vários produtos especialíssimos: o provolone Del monaco, os caprignetti (que são bolinhas de queijo de cabra recobertas e ervas aromáticas) e os deliciosos embutidos de carne suína e bovina como a linguíça e o salame de Nápoles, aromatizados com alho, vinho e casca de laranja com um sabor levemente defumado.”*

---

viticultura.

Entre os doces tradicionais, não podemos deixar de citar a *pastiera* napolitana, o *babà* ou a *sfogliatella*, que são conhecidas em toda a Itália e no exterior.

Sorrento é famosa pelo licor de limões, ou *limoncino*, ou ainda *limoncello*, bebida obtida dessa fruta, que, cultivada ali e em Amalfi, tem excepcional qualidade. De Sorrento provêm também as nozes mais gostosas da Itália, de casca leve, macias, secas e saborosas.

## *Pizza al caprino*

### INGREDIENTES

200 g de farinha de trigo  
400 g de berinjela  
200 g de queijo de cabra  
ou muçarela de búfala  
6 tomates secos  
azeite  
uma pitada de sal  
folhas de manjeriçao  
tomilho  
sal grosso

### MODO DE PREPARO

Empaste a farinha de trigo com 25 ml de azeite, 100 ml de água e uma pitada de sal, para obter uma massa elástica que ficará descansando por 30 minutos. Corte a berinjela em fatias finas redondas e unte-as com azeite e sal. Leve para grelhar. Divida a massa em duas partes e depois estenda-as em dois discos de 26 a 28 cm de diâmetro. Acomode cada disco em assadeiras untadas com azeite, pulverize com sal grosso e tomilho, e leve ao forno a 200° C por 8 minutos. Desenforme-os ainda quentes, espalme o queijo e guarneça com os tomates e as berinjelas. Enfeite com folhas de manjeriçao.



## *Insalata Caprese*

### INGREDIENTES

6 a 8 folhas grandes de manjeriço italiano  
120 g de muçarela de búfala em fatias  
4 tomates caqui médios em fatias  
30 ml de azeite de oliva extra-virgem  
Sal e pimenta-do-reino moída na hora a gosto

### MODO DE PREPARO

Rasgue com as mãos as folhas de manjeriço em dois a três pedaços cada uma. Arrume as fatias de muçarela e de tomate alternadamente em um prato de servir. Distribua por cima as folhas de manjeriço. Tempere com o azeite de oliva extra-virgem, o sal e a pimenta-do-reino.



## *Baba al rum*

### INGREDIENTES

Massa:  
12 g de açúcar  
12 ml de leite  
10 g de fermento biológico  
125 g de farinha de trigo  
1 g de sal refinado  
2 ovos  
1 gota de essência de limão  
Casca de limão em espiral  
Framboesa fresca para a decoração

Calda de cointreau:  
400 ml de água  
200 ml de açúcar  
½ limão  
100 ml de licor cointreau (ou licor de laranja)

### MODO DE PREPARO

Para o preparo da massa, misture todos os ingredientes em um recipiente, exceto os ovos. Amasse a massa e coloque os ovos aos poucos, até que apresente liga. Disponha-a em forminhas untadas e deixe em descanso até que dobre de volume. Leve ao forno preaquecido a 200°C por 15 minutos. Para o preparo da calda, misture todos os ingredientes (exceto o licor) e leve ao fogo por 5 minutos. Retire e deixe esfriar. Em seguida, acrescente o licor. Após retirar a massa do forno, ensope-a na calda e decore com as framboesas e as raspas de limão.







## O que é que há, velhinhos?

Por **Silvia Percussi** Fotos: **Tadeu Brunelli**

**U**m dos desenhos animados de que eu mais gostava, quando criança, era o Pernalonga. Espertíssimo, ele sempre frustrava os planos de seus teimosos inimigos. “O que é que há, velhinho?” era seu bordão, que ele lançava todo galante enquanto mastigava uma cenoura.

Aí vocês podem dizer: “Mas, tia, quem aqui assiste a esse desenho hoje em dia?” Verdade. De lá para cá, já se passaram algumas décadas. Novos desenhos surgiram. Mas nenhum outro, que eu saiba, que fizesse boa propaganda da cenoura.

Nos Estados Unidos, a cenoura aparece em nono lugar entre os dez legumes mais populares. No Brasil, a situação talvez não seja tão drástica, mas muitos jovens ainda fazem cara feia diante dela. Eu acredito que boa parcela desse descaso com a distinta raiz se deva a preparações infelizes.

Aquelas que deixam a cenoura hipercozida em água, que depois é despejada na pia, para onde vai embora toda a sua riqueza.

Saiba você que a cenoura pode ser saboreada de mil e uma maneiras (exceto essa hipercozida!).

Crua, vai bem em saladas (ralada ou em filetes), mas vira também um ótimo suco para ser bebido puro ou misturado (nunca tomou suco de laranja com cenoura?). Cozida, enriquece sopas e ensopados (mesmo uma sopa feita só dela é deliciosa). Na Europa, usam a cenoura para fazer açúcar. E por falar em doces, quem não gosta de bolo de cenoura?

Para gregos e romanos, cenoura era remédio e não comida. Visionários esses antigos, já que ela fornece vitamina A, que fortalece a visão e ainda evita infecções na garganta e vias urinárias. Cenouras também têm quantidades significativas de vitaminas B2 e C, além de ferro, fósforo, cloro e cálcio. Para intestinos soltos, uma boa receita é o purê de cenoura. E sua doçura é totalmente “do bem”: uma cenoura média tem cerca de 21 calorias.

Esta receita da chef e apresentadora de TV britânica Nigella Lawson é uma deliciosa releitura do nosso bolinho de cenoura do dia a dia.

## Cupcakes de cenoura com cream cheese

### INGREDIENTES

½ xícara de açúcar mascavo (reserve)  
¾ de xícara de óleo de girassol  
2 ovos grandes  
1 e ½ xícara de farinha de trigo  
¾ de colher de chá de fermento para bolos  
1 colher de chá de canela  
Uma pitada de sal  
Casca ralada de ½ limão-siciliano  
Casca ralada de ½ laranja  
2 cenouras médias raladas  
½ xícara de avelãs picadas (reserve)  
12 forminhas de cupcake

### Para a cobertura

½ xícara de cream cheese  
⅔ de xícara de açúcar de confeiteiro  
2 colheres de chá de suco de limão  
12 avelãs tostadas e picadas

### MODO DE PREPARO

Preaqueça o forno a 180°C. Bata o açúcar com o óleo, depois junte os ovos, um de cada vez. Adicione a farinha, o fermento, a canela, o sal, as cascas, em seguida a cenoura ralada e as avelãs



picadas. Coloque com uma colher essa mistura nas forminhas de cupcakes, e asse por 20 minutos. Deixe esfriar enquanto prepara a cobertura. Para a cobertura, bata o cream cheese em uma vasilha até ficar fofo, adicione o açúcar e bata novamente. Coloque o suco de limão e experimente. Quando os cupcakes estiverem frios, espalhe a cobertura sobre eles. Coloque meia avelã no centro de cada um.









# Uma região para todos os tipos de turista

*A vivacidade de Nápoles, as belas paisagens da ilha de Capri e as preciosidades históricas de Pompeia são apenas alguns dos atrativos da Campânia*

Por Edoardo Coen    Imagens: Fototeca Enit

*Os faraglioni, picos rochosos que emergem do mar e tornam ainda mais bela a paisagem da Campânia*



**E**m nossas andanças pela região que vamos explorar nesta edição, poderemos ser surpreendidos por um conhecido aroma: o do orégano. Esse aroma, quando recendente na massa assada ao forno, em combinação com extratos de outros ingredientes que nosso inconsciente logo reconhece, provoca uma acelerada salivação: trata-se da pizza napolitana! Abre-se então o deslumbrante panorama do sol e do mar de um golfo – paisagem que, emoldurada pelo Vesúvio, faz ressoarem melódicas as notas de uma famosa canção: *O sole mio*. Estamos em Nápoles, capital da Campânia.

A região foi habitada desde tempos remotos por oscos e samnitas e, em seguida, no decorrer dos séculos VII e V a.C., pelos gregos, que ali se instalaram fundando a Magna Grécia. Mais tarde, quando caiu sob o domínio dos romanos, a Campânia influenciou-lhes a própria cultura e religião. Na Idade Média (século V), foi a vez dos lombardos, substituídos pelos bizantinos, normandos, aragoneses e, no fim do século XVIII, pelos borbons, que fizeram de Nápoles a capital de seu reino, tornando-a uma das principais cidades europeias, competindo em importância com Londres, Viena e Paris.

### *Vedi Napoli e poi mori\**

Debruçada sobre um maravilhoso golfo, com um céu sempre azul e um delicioso clima, Nápoles é conhecida em todo o mundo por suas belezas naturais. Não foi por acaso que a fantasia dos antigos fez da cidade um lugar mitológico: a morada das sereias. Mesmo sendo essa história uma lenda, a verdade é que Nápoles e seus arredores despertam na mente uma ideia de beleza, de serenidade e de felicidade incomparáveis – sentimento que, via de regra, alcança uma expressão tal que o visitante, ao deixá-la, cultiva sempre uma doce saudade.

Como Nápoles já foi nosso destino na primeira

edição da Dante Cultural, falaremos apenas de alguns pontos turísticos não contemplados naquela oportunidade. Iniciaremos a visita pela catedral dedicada ao milagroso patrono da cidade: *San Genaro*. Edificada em estilo neogótico, entre 1232 e 1323, a construção sofreu no decorrer dos séculos diversas intervenções, que, ao desequilibrarem o estilo inicial, acabaram por transformá-lo em barroco. São também admiráveis, do ponto de vista artístico, os monumentos fúnebres de Carlos I de Anjou, do papa Inocêncio IV e de Carlos Martelo da Hungria, além da grandiosa fonte batismal, em barroco napolitano, cuja superfície impressiona pela policromia dos mármore.

É aconselhável que o turista se dedique a perambular por Nápoles e se deixe encantar pelo que a cidade lhe reserva aos olhos. Por exemplo, os dois castelos-fortaleza – o *Maschio Angioino* e o *Castel dell'Ovo* – que, apesar do aspecto sombrio (a sugerir moles ameaçadoras que se erguem como maciços a dominar a cena), estão longe de suscitar qualquer receio ou temor, já que a beleza da natureza que os circunda não autoriza tal impressão.

São também imperdíveis o teatro *San Carlo*, o mais antigo da Europa, em funcionamento desde 1737, e a *Piazza del Plebiscito*, que, rivalizando em grandiosidade com aquelas de Roma, abriga o *Palacio Real*, um dos mais imponentes da Itália, obra do início do século XVII, de Domenico Fontana. Ainda nessa praça, ergue-se a igreja de *San Francesco da Paola*.

Para um encerramento digno dos encantos do dia, iremos ao bairro de *Santa Lucia*, onde encontraremos o legítimo espírito napolitano. Numa perene agitação, a vida se desenvolve a céu aberto nas ruas, com a presença de pescadores, vendedores ambulantes, homens e mulheres do povo conversando e, não raro, discutindo em voz alta a ponto de parecerem brigar.

**Nápoles, a terceira maior cidade italiana em população, atrás apenas de Roma e Milão**







**O Maschio Angioino, castelo-fortaleza de traços agressivos em meio à bela natureza napolitana**

### Percorrendo a Campânia

Descobriremos que, na Campânia, surgem verdadeiras joias aos nossos olhos: uma delas é o *Palacio Real de Caserta*, a mais impressionante expressão do barroco italiano, obra do arquiteto Vanvitelli, que o terminou em 1847. São 44 mil metros quadrados de construção com 1.200 salas. O seu parque é, sem dúvida, um dos mais belos da Europa, formando com o palácio um conjunto que rivaliza em beleza e imponência com o *Chateau de Versailles*. O arquiteto introduziu no parque dois tipos de jardins: o italiano, que rodeia a construção, e o francês, com fontes e estátuas. O conjunto foi doado ao povo italiano pelo rei Victor Emanuel III, e, em 1979, declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

Outra joia preciosa é a ilha de Capri, centro de turismo internacional, um verdadeiro jardim exótico com plantas tropicais e mediterrâneas. Foi residência fixa do imperador Tibério (século I), particularidade da qual constituem claro vestígio as ruínas da Vila

Imperial. No centro, encontra-se a famosa *Piazzetta* (pracinha), uma verdadeira babel de línguas com turistas de todo o mundo que ali desembarcam. A praça, cercada por casas em três dos seus lados, é dominada pela *Torre dell'Orologio* (Torre do Relógio), conservando, no quarto lado, o flanco barroco da igreja de *San Stefano*, erigida no século XVII.

Não podemos nos esquecer de admirar os famosos *Faraglioni*, três picos rochosos que, emergindo do mar, parecem sentinelas vigiando a ilha. E também a fantasmagórica *Grotta Azzurra* (Gruta Azul), que, apresentando-se escura na entrada, vai assumindo, à medida que o barco lhe desvenda o interior, uma cor azulada, com uma água transparente e azul.

De volta para Nápoles, partindo de Sorrento, percorreremos agora a esplêndida *Costa Amalfitana*. Trata-se de um trecho de 60 quilômetros que percorre o litoral da Campânia, entre Salerno e Sorrento. É uma estrada costeira que se assemelha a uma passarela estreitíssima lavrada em boa parte na escarpa, e que beira 13 povoados, entre os quais cidades históricas como Amalfi e Ravello, além de Positano (que, pela sua posição, parece escorregar pelas encostas na direção do mar).

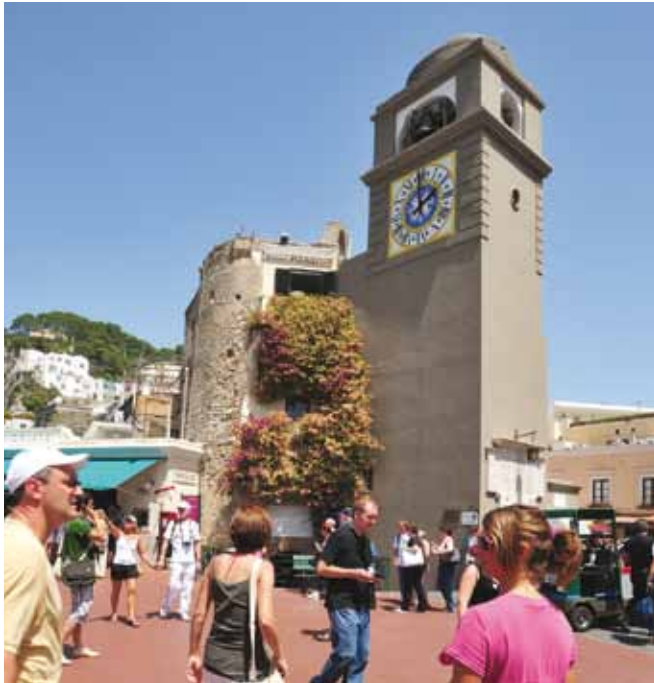
### Pompeia, Herculano e Paestum

No ano de 79, o vulcão Vesúvio produziu uma devastadora erupção que destruiu as cidades de Pompeia e Herculano. A primeira, embora tenha



**O teatro San Carlo é o mais antigo da Europa: está aberto e em funcionamento desde 1737**





**A pracinha central da ilha de Capri, com sua famosa Torre do Relógio**

seu templo não foi totalmente coberto (a rigor, desaparecendo debaixo das cinzas), graças ao fato de permitir escavações mais facilitadas, ressurgiu hoje praticamente como era naquele remoto ano de 79. A segunda, por sua vez, não obstante o acúmulo de lama que se solidificou com o tempo, e a maior dificuldade das escavações, conservou importantes materiais históricos, como rolos de papiro.

Em Pompeia, o visitante poderá visitar a *Casa dos Vettii*, a residência mais famosa e célebre da cidade, conhecida em especial pelos afrescos em suas paredes. A construção se ergue em torno de um átrio, com uma cisterna (*impluvium*) para recolher a água da chuva, e com dependências (*cubiculum*) ao redor, entre as quais se encontram a sala de jantar (*triclinium*) e o escritório (*tablinum*). Uma outra *domus* que revela a opulência das casas

romanas é a *Casa do Fauno*, uma das maiores e mais impressionantes de Pompeia, pelo conjunto de obras que guarda e ostenta. Seu nome deriva de uma estátua de bronze que, integrante do acervo, representa um fauno dançante.

São também muito singulares as escritas rabiscadas nos muros da cidade, com piadas, anúncios e até propaganda eleitoral. Não menos impressionantes são os vários moldes em gesso, reproduzindo os moradores na mesma posição em que se encontravam quando foram surpreendidos pela morte, causada pelas lavas.

Para encerrar com chave de ouro a nossa viagem, visitaremos o parque arqueológico da cidade de Poseidônia (*Paestum*), uma cidade da Magna Grécia do século IV a.C. Trata-se de uma ampla área gramada, onde se erguem em majestosa solidão os templos de Atena, de Netuno e de Hera.

*\*(antigo provérbio italiano que significa "Ver Nápoles e só depois morrer")*



**À esquerda, um dos famosos afrescos da Casa dos Vettii; à direita, a imponente Casa do Fauno – ambas situadas em Pompeia**



**Período da manhã:** das 08:00 às 9:30 horas

**Período da tarde:** das 14:30 às 16:00 horas

**Período da noite:** das 19:00 às 20:30 horas

**Dias:** 2ª e 4ª-feira, ou 3ª e 5ª-feira

**Curso regular completo:** 6 estágios (2 por ano)

**2 Básicos • 2 Intermediários • 2 Avançados**



# CURSO DE LÍNGUA ITALIANA

**1º Quadrimestre:** de março a junho

**2º Quadrimestre:** de agosto a novembro

**Valor do quadrimestre:** em 4 parcelas mensais

**Isenção de matrícula**

**Máximo de alunos por sala:** 12

**Qualificação:** Certificado de Conclusão



**ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO COLÉGIO DANTE ALIGHIERI**  
Al. Jaú, 1.135 - Cerqueira Cesar - Cep: 01420-001 - Telefone: (11) 3284-6011  
[www.aeda.com.br](http://www.aeda.com.br)    [aeda@aeda.com.br](mailto:aeda@aeda.com.br)



# Questão de ordem

Por Silvana Leporace – Coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do Colégio Dante Alighieri

**P**ercebemos, no nosso dia a dia, que as crianças e os jovens têm muita dificuldade em organizar seus horários de estudo e realizar suas lições de casa, descuidando de seu material e da sua rotina de forma geral. Com isso, não conseguem dividir o tempo disponível para cumprir as obrigações. Geralmente, deixam de fazer alguma tarefa, alegando falta de tempo. Foi pensando nisso que Celi Piernikarz, psicóloga e psicoterapeuta da Clínica Fraiman, e Marilúcia R. Gonçalves, jornalista, resolveram escrever o livro “Quem mexeu na minha bagunça?”. Com foco justamente no tema da organização,

a obra dirige-se não apenas aos estudantes, mas também a pais e educadores. Celi atua no atendimento a crianças, adolescentes e adultos, consentrando-se em especial na orientação familiar. É psicodramatista, especialista em Cinesiologia e Psicofarmacologia pelo Instituto Sedes Sapientiae, e orientadora educacional do Colégio Horizontes, em São Paulo. Marilúcia atua como editora de publicações nas áreas de cultura, educação e saúde, e na formação de jovens, líderes e equipes, além da gestão de programas de desenvolvimento corporativo. Leia a entrevista que Celi concedeu à DanteCultural.

## **Dante Cultural - Como surgiu a ideia de vocês escreverem um livro sobre organização voltado para crianças e adolescentes?**

**Profa. Celi Piernikarz** - Em minha experiência de mais de 20 anos em escolas como orientadora educacional e professora, e em consultórios como psicoterapeuta, pude verificar que as maiores questões que afetavam pais, professores e alunos tinham relação com a falta de organização. Os pais sempre se queixam de que os filhos não conseguem se organizar para estudar corretamente, ou que se atrasam para compromissos porque não organizam sua agenda. Professores reclamam que os alunos não organizam os trabalhos e por isso perdem prazos etc. Analisando essas questões, pude perceber que os adultos reclamam, mas pouco fazem para melhorar a situação porque não sabem exatamente como devem “ensinar” organização. Muitos acreditam que se trata de uma condição inata, o que não é verdade. Muitas vezes, também, os pais e professores não têm tempo para ensinar filhos e alunos ou, ainda, no caso dos pais, alguns

são extremamente organizados e acabam fazendo as funções do filho, não ensinam. A ideia do livro surgiu nesse contexto. A jornalista Marilúcia R. Gonçalves deu corpo à publicação e juntas elaboramos um guia que abrange desde a organização física do quarto, a organização dos estudos e das finanças, até a organização psicológica da criança e do adolescente, que certamente refletirão em sua vida futura.

## **Dante Cultural - Como ensinar a importância da organização para crianças e adolescentes e fazer com que a incorporem na rotina do seu dia a dia?**

**Profa. Celi Piernikarz** - A organização não pode ser vista como uma imposição, uma coisa “chata” a ser feita, porque isso afasta a criança e o adolescente da tarefa. Para ser assimilada como atitude boa para a vida, é necessário que pais e professores mostrem de forma prática os seus benefícios e o reflexo disso em todas as atividades de sua vida. Para conseguir um bom resultado, é importante estar com o jovem na

---

hora de organizar seu armário, sua mochila, etc., ensinando de forma lúdica e agradável.

Existem técnicas e recursos práticos que facilitam a organização das crianças e dos adolescentes. A técnica japonesa chamada 5S é uma maneira muito utilizada pelo mundo, não só em casa, mas também em grandes empresas. Resumidamente, ela ensina a utilizar 5 Senso para facilitar a organização e conseguir uma melhor qualidade de vida : **Seiri** – senso de utilização: Separar o necessário do desnecessário. **Seiton** – senso de ordenação:

Colocar cada coisa no seu lugar de acordo com critérios preestabelecidos.

**Seisou** – senso de limpeza: Limpar e cuidar do espaço físico e dos objetos que utilizamos. **Seiketsu** – senso de saúde: Cuidar da saúde física e mental. **Shitsuke** – senso de autodisciplina: Praticar os quatro sentidos anteriores.

**Dante Cultural -**  
**Observamos que, muitas vezes, os alunos não alcançam os resultados esperados nos estudos por pura falta de organização. Que sugestões você daria a eles?**

**Profa. Celi Piernikarz**  
- Primeiro: pensar o que está fazendo hoje para estudar e por que não está dando certo. Pensar, então, na possibilidade de buscar novos métodos de estudo. A organização é fundamental nesse aspecto, porque é por meio dela que o aluno poderá deixar parte de seu dia para estudar aquilo que teve no colégio. Algumas dicas: faça uma agenda semanal e coloque cores diferentes para as atividades diárias, assim você terá uma visão geral de onde está gastando mais tempo e poderá manejar períodos para o estudo. Crie

prioridade e foco: é fundamental. Deixe o uso recreativo do computador para depois do estudo. Procure organizar adequadamente um local para o estudo, ter sempre em mãos caneta e papel para a leitura de um texto, fazer resumos do texto (ajuda muito na fixação). Estudando todos os dias um pouco, na véspera da prova não haverá correria nem ansiedade.

**Dante Cultural - As novas tecnologias podem ajudar os alunos a organizar melhor suas tarefas e a rotina diária? Como?**

**Profa. Celi**

**Piernikarz** - Com certeza. Muitas pessoas preferem fazer uma agenda no papel, mas outras usam melhor o computador ou o celular. Basta usar do recurso para programar horários para o estudo, marcar um tempo para finalizar uma tarefa, colocar compromissos diários para que não se percam os horários, agendar entrega de trabalhos etc. O computador é uma excelente ajuda para trabalhos escolares e pesquisas para complemento de

---

*“Algumas dicas: faça uma agenda semanal e coloque cores diferentes para as atividades diárias, assim você terá uma visão geral de onde está gastando mais tempo e poderá manejar períodos para o estudo. Crie prioridade e foco: é fundamental. Deixe o uso recreativo do computador para depois do estudo. Procure organizar adequadamente um local para o estudo, ter sempre em mãos caneta e papel para a leitura de um texto, fazer resumos do texto (ajuda muito na fixação). Estudando todos os dias um pouco, na véspera da prova não haverá correria nem ansiedade.”*

---

conteúdo. O único cuidado a se ter é não perder o foco no uso. Na hora do estudo, o computador deve ser usado só para esse fim. É importante determinar tempo para usá-lo para o estudo, e depois desse tempo, sim, usá-lo para outros fins, como jogos ou redes sociais. Tudo isso faz parte da organização e disciplina.



## Jovens jornalistas

Há várias gerações os alunos do Dante se interessam pela produção de veículos de comunicação. Abaixo, jornais feitos por ex-alunos em diversas décadas da história centenária do Colégio. Ao lado, a equipe da oficina Dante em Foco, oferecida pelo departamento de Tecnologia Educacional, da qual participam alunos dos 7<sup>os</sup> anos do Ensino Fundamental às 2<sup>as</sup> séries do Ensino Médio. Os jovens repórteres fazem a cobertura jornalística dos eventos do Colégio, produzindo material impresso e digital.



Felipe Guerra



João Florencio



CONHEÇA O MUNDO MÁGICO DO

# PEEKABOO

E SUAS NOVIDADES EM 2012!!!

**Unidade Jardins**  
Rua Manuel da Nobrega, 498  
Jardins Tel.: 3051-7828

## JARDINS

Elevador Discovery  
Discoteca Completa  
Cama Elástica  
Barco Vicking  
Carrossel  
Air Boy  
Trem Bala  
Super Parede de Alpinismo  
Games (jogos em rede)  
Super Brinquedão com área baby  
Lanchonete Infantil  
Palco com Camarim  
Casinha do Macaco  
Dardo Eletrônico  
Máquina de Dança  
Área Zooopa  
Painel Temático com sons de bichos  
Super Tombo  
Street Ball  
Miniquadra de Futebol  
Autorama  
e muito mais...

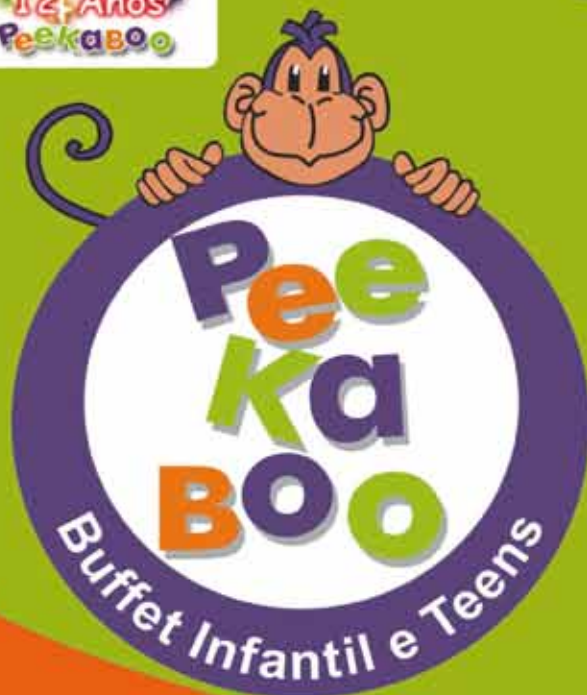


**Unidade Higienópolis**  
Rua Bahia, 764 Higienópolis  
Tel.: 3661-7640

## HIGIENÓPOLIS

Barco Vicking  
Games / Air Boy  
Máquina de Dança  
Mono Rail  
Cama Elástica  
Área Teens  
Lanchonete Infantil  
Casinha do Macaco  
Parede de Alpinismo  
Carrossel  
Dardo Eletrônico  
Games (jogos em rede)  
Super Brinquedão com área baby  
Super Tombo  
Espelho Mágico  
Street Ball  
Snow Board  
Miniquadra de Futebol **em rede**  
Simulador Wii Play  
Autorama  
e muito mais...

12 Anos  
Peekaboo



## MOEMA

Simulador Wii Play  
Simulador última geração (12 jogos)  
Games última geração (1300 Jogos)  
Super Brinquedão com área baby  
Parede de Alpinismo Eletrônica  
La Bamba - super novidade  
Lanchonete Infantil  
Camarim de Fantasias  
Elevador Discovery  
Casinha de Boneca  
Carrossel  
Dardo Eletrônico  
Cama Elástica  
Roda Palhaço  
Lan House  
Super Tombo  
Street Ball  
e muito mais...



**Unidade Moema**  
Av. Moema, 414  
Moema Tel.: 5051-1818

Alimentação e  
procedimentos com  
supervisão de  
nutricionista

## ITAIM

Games última geração (1300 jogos)  
Simulador Wii Play  
Simulador última geração (12 jogos)  
Lan House  
La Bamba - super novidade  
Boliche Eletrônico  
Cama Elástica  
Games / Air Boy  
Super Brinquedão com área baby  
Lanchonete Infantil  
Casinha de Boneca  
Máquina de Dança  
Vitrine Animada  
Carrossel  
Super Tombo  
Street Ball  
e muito mais...



**Unidade Itaim**  
Rua Dr. Alceu de  
Campos Rodrigues, 174  
Itaim Bibi Tel.: 3845-3006

www.buffet **Peekaboo**.com.br



# SAIA DO "TEORICAMENTE!"

NA MAUÁ, VOCÊ APLICA A TEORIA EM ATIVIDADES PRÁTICAS  
QUE RETRATAM A REALIDADE DO MERCADO DE TRABALHO.



- ADMINISTRAÇÃO
- DESIGN DE PRODUTO
- ENGENHARIA

São Paulo (Vila Mariana)  
São Caetano do Sul

VESTIBULAR 2013  
PROVA: 10 DE NOVEMBRO  
[www.maua.br](http://www.maua.br)

INSTITUTO MAUÁ DE TECNOLOGIA



**MAUÁ**

AQUI VOCÊ PODE TRANSFORMAR O MUNDO.